



UNIVERSIDADE DO VALE DO TAQUARI – UNIVATES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO

***BULLYING* NO AMBIENTE ESCOLAR: UMA ANÁLISE A PARTIR DA
PRODUÇÃO ACADÊMICA NA ÁREA DE ENSINO NO BRASIL**

Núbia Célia Carneiro

Lajeado/RS, junho de 2024.

Núbia Célia Carneiro

**BULLYING NO AMBIENTE ESCOLAR: UMA ANÁLISE A PARTIR DA
PRODUÇÃO ACADÊMICA NA ÁREA DE ENSINO NO BRASIL**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* Mestrado em Ensino da Universidade do Vale do Taquari – Univates, como parte da exigência para obtenção do grau de Mestre em Ensino na linha de pesquisa Ciência, Sociedade e Ensino.

Orientadora: Prof^a. Dra. Angélica Vier Munhoz
Coorientadora: Prof^a. Dra. Gisele Dhein

Lajeado/RS, junho de 2024.

Núbia Célia Carneiro

***BULLYING NO AMBIENTE ESCOLAR: UMA ANÁLISE A PARTIR DA
PRODUÇÃO ACADÊMICA NA ÁREA DE ENSINO NO BRASIL***

A Banca Examinadora abaixo aprova a Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino, da Universidade do Vale do Taquari - Univates, como parte da exigência para a obtenção do título de Mestre em Ensino, na área de concentração Ciência, Sociedade e Ensino:

Dra. Angélica Vier Munhoz (Orientadora)
Universidade do Vale do Taquari – Univates

Dra. Gisele Dhein (Coorientadora)
Universidade do Vale do Taquari – Univates

Dra. Suzana Feldens Schwertner
Universidade do Vale do Taquari – Univates

Dra. Danise Vivian
Universidade do Vale do Taquari – Univates

Dra. Letícia Lorenzoni Lasta
Universidade de Santa Cruz do Sul – Unisc

Lajeado/RS, 01 de julho de 2024.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, que é a fonte de tudo, minha proteção e minha força eterna. Amor supremo, sem sua permissão eu não seria nada, pois sem sua presença divina nesta jornada, eu não teria inspiração para concretizar esta pesquisa. Dediquei os finais de semana, feriados, madrugadas e férias para ler e organizar os fichamentos necessários para a elaboração deste trabalho dissertativo.

Agradeço aos meus pais (in memoriam), Nelson da Silva Carneiro e Carmelita Judite da Silva Carneiro, que ficariam orgulhosos de mim, por mais essa conquista. Eu os amo muito!

Agradeço a toda minha família, pelo apoio incondicional. Cada expressão de carinho a mim dedicada foi um bálsamo de energia.

Agradeço ao meu querido esposo, marido, companheiro e amigo Raimundo Moreira, pelo seu apoio, incentivo e dedicação às tarefas domésticas, o que me permitiu ter mais tempo para realizar esta pesquisa.

Agradeço à minha orientadora, a Prof^ª. Dra. Angélica Vier Munhoz, e à minha coorientadora, a Prof^ª. Dra. Gisele Dhein, por me fornecerem suporte acadêmico, pela confiança e paciência. Suas contribuições foram essenciais para a realização desta pesquisa.

Expresso minha gratidão a todos os professores do Programa de Mestrado em Ensino da Universidade do Vale do Taquari – UNIVATES, pela dedicação, competência e pelos ensinamentos excepcionais. Agradecimentos especiais aos professores Rogério Schuck, Suzana Feldens, Kári Forneck, Silvana Martins e Derli Neuenfeldt, pela eficiência ao ministrarem as aulas. Foi uma experiência enriquecedora.

A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não podem dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria.
(Paulo Freire, 1996, p. 53)

RESUMO

Dada a importância de compreender a problemática do *bullying* no ambiente escolar, este estudo investigou em dissertações de mestrado da área de Ensino, o que vem sendo produzido acerca do *bullying* no ambiente escolar. Esta investigação teve como objetivo rastrear na base de dados da CAPES, no período entre 2016 e 2022, as dissertações de mestrado que abordassem o tema *bullying* na escola. Foram utilizados como descritores: *bullying* no ensino fundamental; *bullying* no ambiente escolar; *bullying* no contexto escolar; e, na última busca, apenas o descritor *bullying*. Foram encontradas 695 dissertações. Depois de avaliar os resumos, foram filtrados somente as relacionadas ao Ensino. Após estes recortes, foram encontradas catorze (14) dissertações na área de Ensino, das quais emergiram nove dimensões de análises: a) Modo como é caracterizado o *bullying* entre os autores/agressores; b) Modo como é caracterizado o *bullying* entre as vítimas/alvos; c) Violência de forma velada/sem motivação; d) Efeitos do *bullying* na relação entre pares; e) Sentimentos das vítimas que sofrem *bullying*; f) Sentimentos dos agressores ao praticarem *bullying*; g) Tipos de *bullying* mais prevalentes; h) Preconceito no ambiente escolar como gerador de *bullying*; i) Espectadores de *bullying*. A análise destas dimensões apontou as seguintes conclusões: o tema *bullying* tem sido abordado em diferentes áreas do conhecimento, o que mostra que se trata de um assunto bastante polissêmico; há muitos estudos sobre o *bullying* sendo realizados em todo o mundo, mas parece que ainda não são suficientes, visto que a incidência de *bullying* tem aumentado nas escolas; há diferentes entendimentos e perspectivas teóricas sobre o *bullying*, que têm tentado compreender e se aprofundar nesse fenômeno; algumas pesquisas apontam ações pontuais que vêm sendo desenvolvidas nas escolas com vistas a combatê-lo. Por fim, o estudo não teve como propósito encontrar respostas ou soluções para o *bullying* no ambiente escolar, mas compreender melhor esse fenômeno, bem como, servir de ponto de partida para que outros estudos possam continuar sendo desenvolvidos.

Palavras-chave: *bullying*; ambiente escolar; ensino.

ABSTRACT

Given the importance of understanding the problem of *bullying* in the school environment, this study investigated in master's dissertations in the area of teaching, what has been produced about *bullying* in the school environment. This research aimed to track in the CAPES database, in the period between 2016 and 2022, the master's dissertations that addressed the topic of *bullying* at school. The following descriptors were used: *bullying* in elementary school; *bullying* in the school environment; *bullying* in the school context; and, in the last search, only the descriptor *bullying*. A total of 695 dissertations were found. After evaluating the abstracts, only those related to teaching were selected. After these filtering, fourteen (14) dissertations were found in the area of teaching, from which nine dimensions of analysis emerged: a) How *bullying* is characterized among authors/aggressors; b) How *bullying* is characterized among victims/targets; c) Covert/unmotivated violence; d) The effects of *bullying* on peer relationships; e) Feelings of victims who are *bullied*; f) *Bullies* feelings when *bullying*; g) Most prevalent types of *bullying*; h) Prejudice in the school environment as a generator of *bullying*; i) *Bullying* witnesses. The analysis of these dimensions pointed to the following conclusions: the topic of *bullying* has been addressed in different areas of knowledge, which shows that it is a very polysemic subject; There are many studies on *bullying* being conducted around the world, but it seems that they are still not enough, given that the incidence of *bullying* has been increasing in schools; There are different understandings and theoretical perspectives on *bullying*, which have tried to understand and deepen into this phenomenon; Some studies point to specific actions that have been developed in schools aiming to combating it. Finally, the study did not aim to find answers or solutions to *bullying* in the school environment, but to better understand this phenomenon, as well as to serve as a starting point for other studies to continue to be developed.

Keywords: *bullying*; school environment; teaching.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Respostas das vítimas com relação às manifestações de maus-tratos..	25
Quadro 2 – Respostas dos agressores para modos de manifestações a respeito de maus-tratos.....	26
Quadro 3 – Motivações, quantidade e percentual de maus-tratos, segundo as vítimas.....	27
Quadro 4 – Percepções dos estudantes com relação à prática de <i>bullying</i> nas escolas.....	40
Quadro 5 – Percepções dos estudantes com relação à prática de <i>bullying</i> nas escolas	41
Quadro 6 –Explicação da base de dados do Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior–CAPES, concernentes à segunda quinzena do mês de dezembro de 2022 e outubro de 2023	49
Quadro 7 – Dissertações na área de Ensino sobre <i>Bullying</i> – CAPES.....	50
Quadro 8 – Palavras-chave dos resumos das catorze (14) dissertações.....	53
Quadro 9 – Mapeamento das dissertações a partir das palavras-chave	54
Quadro 10 – Rastreamento das dissertações com o tema <i>bullying</i>	54
Quadro 11 – Apresentação dos trabalhos de acordo com a data de defesa, título e objetivo.....	55
Quadro 12 – Dimensões de análises com base nos resultados extraídos das discussões das dissertações	69

LISTA DE CENAS

Cena 1 – Violência na cidade de Taiúva-SP	37
Cena 2 – Criança vítima de <i>bullying</i>	38
Cena 3 – Violência na Escola Estadual Thomazia Montoro, situada na cidade de São Paulo.....	38
Cena 4 – Violência na creche Cantinho Bom Pastor, na cidade de Blumenau-SC ...	38
Cena 5 – Violência no Colégio Estadual Professora Helena Kolody, na cidade de Cambé-PR.....	39
Cena 6 – O que é necessário e viável para prevenir casos de violência escolar em Sobral-CE?.....	42
Cena 7 – Estudante de escola pública de PE sofre <i>bullying</i> por ter problemas mentais	43
Cena 8 – Vítima de <i>bullying</i> na PB finge sequestro para chamar atenção	43
Cena 9 – Criança é filmada por seus colegas na escola de Paracuru, na Grande Fortaleza	44
Cena 10 – Escola de Natal é condenada a pagar indenização de R\$ 10 mil reais a aluno que foi vítima de <i>bullying</i>	44
Cena 11– Estudante de um Colégio particular em Salvador foi agredido por seu colega	45
Cena 12 – Mãe de aluna relatou que a filha está sofrendo <i>bullying</i> e racismo numa escola particular em Salvador.....	46
Cena 13 – Violência na cidade de Remanso-BA.....	46

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Dissertações distribuídas por ano de defesa	57
Gráfico 2 – Distribuições dos grupos de acordo com os objetivos	59

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABRAPIA	Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência
AH	Altas Habilidades
BA	Bahia
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CE	Ceará
EU	União Europeia
EUA	Estados Unidos da América
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LGBTQIfóbico	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer (estranho), intersexuais
MA	Maranhão
OMS	Organização Mundial de Saúde
ONG	Organização Não Governamental
ONU	Organização das Nações Unidas
OPAS	Organização Pan-Americana da Saúde Pública
PALLE	Programa de Aperfeiçoamento das Línguas e Literaturas Estrangeiras
PB	Paraíba
PE	Pernambuco
PeNSE	Pesquisa Nacional de Saúde Escolar
PR	Paraná

RS	Rio Grande do Sul
SC	Santa Catarina
SD	Superdotação
SP	São Paulo
TDAH	Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade
TGD	Transtorno Global de Desenvolvimento
UEFS	Universidade Estadual de Feira de Santana
UNEB	Universidade do Estado do Bahia
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

SUMÁRIO

1 MEU LUGAR DE FALA: TECENDO LINHAS	13
1.1 Panorama de pesquisa	15
2 DEFINIÇÕES E CARACTERÍSTICAS DO <i>BULLYING</i>	20
2.1 Protagonismo do <i>bullying</i>	22
2.2 <i>Bullying</i> e as relações de poder	24
2.3 Consequências do <i>bullying</i>	28
3 O <i>BULLYING</i> NO MUNDO E NO BRASIL.....	30
3.1 Um breve histórico do <i>bullying</i>	30
3.2 Histórico do <i>bullying</i> no Brasil.....	35
3.3 Histórico de <i>bullying</i> no Nordeste	42
3.4 Histórico de <i>Bullying</i> no Estado da Bahia.....	45
4 INDICAÇÕES METODOLÓGICAS ANALÍTICAS.....	48
4.1 Os rastreamentos e arquivamentos iniciais	48
4.2 Os rastreamentos e arquivamentos temáticos	52
4.3 Análise dos achados	59
4.3.1 Modo como é caracterizado o <i>bullying</i> entre os autores/agressores	60
4.3.2 Modo como é caracterizado o <i>bullying</i> entre as vítimas/alvos.....	63
4.3.3 Violência de forma velada/sem motivação.....	64
4.3.4 Efeitos do <i>bullying</i> na relação entre pares	65
4.3.5 Sentimentos das vítimas que sofrem <i>bullying</i>	65
4.3.6 Sentimentos dos agressores ao praticarem <i>bullying</i>	66
4.3.7 Tipos de <i>bullying</i> mais prevalentes	67
4.3.8 Preconceito no ambiente escolar como gerador de <i>bullying</i>	68
4.3.9 Espectadores de <i>bullying</i>	69
4.4 Discussão dos achados	70
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	73
REFERÊNCIAS.....	76

1 MEU LUGAR DE FALA: TECENDO LINHAS

No ano de 1978, dei início à minha trajetória acadêmica na educação, quando concluí o Curso de Formação para o Magistério, para atuar no 1º Grau, da 1ª à 4ª série. Em 1982, dando segmento a essa trajetória, prestei vestibular na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), onde fui aprovada no curso de Licenciatura em Letras, que concluí em 1986.

Em 1989, foi divulgado o edital de concurso público para professor do Ensino Básico do Estado da Bahia, no qual fui aprovada. Em fevereiro de 1991, aconteceu a tão esperada nomeação. A partir daí, fui convocada para atuar no Colégio Estadual Antônio Carlos Magalhães (Melhor Escola, 2023), na cidade de Antônio Cardoso-BA. Dessa forma, tornei-me professora do Segundo Grau, atual Ensino Médio, atuando na disciplina de Língua Portuguesa.

Em 1992, ainda nesta escola, também atuei como professora da disciplina de Língua Inglesa, na 5ª série do Ensino Fundamental. Neste mesmo ano, tive a oportunidade de participar do Projeto PALLE-Ingês (Programa de Aperfeiçoamento das Línguas e Literaturas Estrangeiras) (UEFS, 2022), da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS, 2023), que contava com a parceria da Secretaria Estadual de Educação (Bahia, 2023) e dos professores da disciplina de Língua Inglesa desta Universidade. O projeto, que ocorria uma vez por semana, consistia na utilização de apostilas específicas, elaboradas pelos docentes da UEFS, para os alunos da 5ª a 8ª série, com atividades relevantes a serem aplicadas em sala de aula, já que, naquela época, não havia livro didático para essa disciplina na Rede Estadual de Ensino. A

finalidade do projeto era capacitar o professor para atuar na sala de aula e facilitar o aprendizado dos jovens estudantes.

Em 1994, após três anos lecionando no Colégio Estadual Antônio Carlos Magalhães, na cidade de Antônio Cardoso-BA, solicitei transferência para a cidade de Salvador, para atuar como professora no Colégio Estadual Professora Anfrísia Santiago (Apontador, 2023), no bairro de Nazaré, onde trabalhei durante doze anos. Saí, porque o Colégio foi extinto pelo Governo Estadual, mas a Secretaria Estadual de Educação me remanejou para a Escola Jesus Cristo, na Mansão do Caminho, onde trabalhei durante dezessete anos como professora de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental II. A Mansão do Caminho mantinha um convênio com o Governo Estadual, que se encerrou no final do mês de dezembro de 2023. Assim, fui transferida para o Colégio Estadual de Tempo Integral José Dias de Sales, para dar continuidade às minhas atividades laborais, a partir de fevereiro de 2024, período em que começou o ano letivo escolar.

Em 1998, iniciou uma nova etapa na minha carreira profissional, pois decidi cursar algumas especializações *Lato Sensu*: Especialização em Administração Pública com Aprofundamento em Recursos Humanos, pela UEFS; Psicopedagogia Institucional e Clínica, pela Faculdade de Educação Montenegro, em 2009; Transtorno Global de Desenvolvimento (TGD), pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), em 2011, e, concomitantemente, Educação Especial: Suporte para uma Escola Inclusiva, pela Faculdade da Cidade do Salvador, em 2011.

Nesse contexto educacional, atuando como professora no ensino fundamental, muitas vezes, deparei-me com comportamentos agressivos, repetitivos, entre os alunos, como agressões verbais e apelidos pejorativos, além de empurrões, chutes, furto de material escolar, puxões de cabelo. Diante desse cenário, decidi desenvolver uma pesquisa de mestrado, para abordar esse tipo de comportamento agressivo. Atualmente, muitas dessas formas de violência são conhecidas como *bullying*.

De acordo com Fante e Prudente (2015, p. 83, grifo nosso):

O bullying é conhecido como um fenômeno crescente que afeta as escolas e seus profissionais. Atinge as instituições públicas e privadas sem distinção. Atormenta a vida dos alunos que, por motivo de insegurança e medo, perdem a motivação para os estudos, deixam de comparecer às aulas, têm dificuldades de aprendizagem, adoecem ou até desistem de estudar.

Corroborando a afirmação acima, o *bullying* escolar é comum nas instituições de ensino, provocando comportamentos cada vez mais agressivos entre os pares, sem motivação aparente, o que causa desconforto não só à vítima, mas também a quem o presencia. Tais comportamentos causam medo, ansiedade, sofrimento, traumas, pois, em determinadas situações, esse tipo de violência passou a fazer parte da vida dos alunos no ambiente escolar.

Ao mesmo tempo, segundo Fante e Prudente (2015), esse fenômeno também envolve e preocupa as famílias, que, muitas vezes, não sabem o que fazer e a quem recorrer. O *bullying* é um problema que desafia não só a área da educação, como também “é um dos principais problemas para a saúde e o desenvolvimento de crianças e adolescentes em idade escolar” (Oliveira *et al.*, 2019, p. 159).

1.1 Panorama de pesquisa

Não podemos generalizar, caracterizando todo comportamento agressivo como *bullying*, pois, segundo Fante e Pedra (2008, p. 42), “é imprescindível, ao analisar o comportamento agressivo, verificar se este preenche os critérios para identificar o fenômeno”.

Outro ponto a considerar é que, embora o *bullying* possa ocorrer em todas as escolas, já que esse tipo de comportamento agressivo independe de sua localização ou de poder aquisitivo da comunidade escolar, “[...] os índices da realidade de cada escola são diferentes, conforme a sua própria realidade” (Fante; Pedra, 2008, p. 53). Por outro lado, a escola, como ambiente de transformação social, necessita examinar as formas de interação que ocorrem nela, visando reduzir o *bullying* escolar, por meio de ações pedagógicas e administrativas, que nem sempre são eficazes.

É importante considerar que as escolas estabelecem regras aplicadas ao cotidiano, especialmente para os alunos. Dentre as regras internas, aquelas relacionadas ao cumprimento dos horários das aulas, uso de uniforme, identificação e práticas permitidas ou proibidas no ambiente escolar, são as que mais geram reações diversas entre os alunos. A maioria das escolas possui normas em relação a esses aspectos, mas não há consenso entre os diferentes membros da comunidade escolar sobre a sua validade (Abramovay, 2003, p. 34).

De acordo com pesquisa realizada pela UNESCO (2001, *apud* Abramovay, 2003), em 14 cidades brasileiras, alunos foram questionados a respeito das suas percepções acerca da escola, na qual, de cada grupo de cinco alunos, quatro afirmaram gostar da escola. Eles apontaram diversos aspectos específicos dos quais não gostam, sendo o espaço físico, um dos aspectos de que os alunos menos gostam na escola. Nas capitais pesquisadas, em média, quatro em cada dez alunos criticam os espaços físicos de suas escolas (salas de aula, corredores etc.). O segundo ponto citado é que eles não gostam da secretaria e da direção. Também dizem não gostar “da maioria dos alunos”, “das aulas” e “da maioria dos professores” – com variação de 24%, em Belém, e 42%, em Maceió (UNESCO, 2001, *apud* Abramovay, 2003, p. 36).

Portanto, podemos perceber que, segundo os dados desta pesquisa, se a maioria dos alunos diz não gostar do convívio com os seus colegas, isso parece mostrar pouca interação entre eles, o que, possivelmente, decorre da falta de empatia e de coleguismo entre eles. A não socialização com muitos colegas também aparece quando se “formam grupos fechados, as chamadas panelinhas” (Abramovay, 2003, p. 37).

É importante destacar que a falta de interação e de coleguismo entre os alunos não está relacionada com o *bullying*; contudo, a falta de empatia e de afeto entre eles pode gerar manifestações de *bullying*. Ainda assim, nem sempre os comportamentos de *bullying* são identificados pelos professores, que,

[...] muitas vezes, não estão cientes das características do *bullying*, nem das graves consequências dos comportamentos cruéis e intimidatórios dos agressores. Como resultado dessa falta de conhecimento, o *bullying* pode ser confundido com indisciplina ou brincadeiras entre alunos ou grupos de alunos, às vezes, com aspectos físicos que envolvem contato pessoal, discussões ou brigas rotineiras, ocasionais e entre pares. Isso pode levar a uma minimização da gravidade do problema e à falta de intervenção apropriada por parte dos profissionais da educação (Pereira, 2009, p. 55, grifo nosso).

Não podemos negar que muitos professores ainda não conseguem distinguir o *bullying* de outras formas de violência, pois, muitas vezes, essas diferenças são sutis e passam despercebidas pelo professor. Nesse sentido, é fundamental que os professores e a instituição de ensino conheçam o tema, para poder estudá-lo, discuti-lo, a fim de evitar que os alunos sofram possíveis consequências negativas do *bullying*, sejam eles agressores ou vítimas.

É fundamental esclarecer que a caracterização do *bullying* acontece por meio de comportamento agressivo do autor contra a vítima. Esse tipo de agressão pode ser cometido por um ou mais alunos. Na opinião de Fante (2005, *apud* Tognetta, 2005, p. 4, grifo nosso), esse tipo de atitude

[...] não se trata de uma simples brincadeira que ocorre ocasionalmente, como dar um tapa no boné de um amigo, comentar que sua roupa está apertada ou dizer "esse sapato parece de mulher". Brincadeiras diárias de contato físico ou expressões verbais, corriqueiras, são diferentes, pois o *bullying* é caracterizado pela intenção, ou seja, são ações planejadas, calculadas e repetidamente praticadas contra uma mesma vítima.

Segundo Vianna (2018), a escola, cujo papel é fundamental na formação do sujeito/aluno, deve prestar atenção nas dificuldades dos alunos para lidarem com os desafios da convivência, proporcionando oportunidades, para que as relações interpessoais se estabeleçam de forma saudável.

Ainda, segundo a autora, é necessário que professores e funcionários observem o comportamento dos alunos já nas séries iniciais e estejam preparados para distinguir brincadeiras inofensivas de práticas de *bullying*, para que a intervenção aconteça o mais rápido possível, quando forem observadas atitudes que despertem suspeitas ou reforcem essa prática (Vianna, 2018). Os alunos também precisam ser ensinados de forma pedagógica sobre essas diferenças, para que não haja dúvidas e os comportamentos de *bullying* possam ser minimizados no ambiente escolar.

Além disso, é importante salientar que quaisquer medidas deverão considerar todos os envolvidos no processo: vítima(s), agressor(es) e espectador(es), familiares e os profissionais que diariamente trabalham com essas crianças. Ou seja, é preciso considerar as dimensões sociais, educacionais, familiares e individuais, que influenciam tanto no comportamento dos alunos envolvidos, quanto nas estratégias de enfrentamento a serem traçadas pelo professor e pela equipe pedagógica da escola (Vianna, 2018).

Vale dizer que a escola é, por excelência, um espaço para a socialização e o aprendizado mútuo; contudo, encontrar solução para a minimização do *bullying* tem chamado a atenção de professores, gestores, funcionários e de todos que fazem parte do núcleo escolar, uma vez que os mais afetados são os alunos.

Um aspecto que merece destaque é que o *bullying* surgiu como uma forma específica de violência nas escolas, porque não é exercido na forma de luta ou confronto entre os alunos, mas é exercido por meio de ameaças repetidas, por meio

de violência física, verbal e psicológica, contra uma vítima escolhida por sua vulnerabilidade, fragilidade e isolamento.

Além de ser um espaço onde as crianças e adolescentes passam a maior parte do tempo, a escola constitui uma etapa de formação da subjetividade; portanto, este espaço deve ser convidativo ao convívio e às relações de aprendizagem, que se dão de forma coletiva.

Sendo assim, essas crianças ficam expostas a diversas situações e experiências, pois a escola é um espaço de diversidades sociais, culturais, sexuais, políticas, étnicas, tornando-se um local propenso à discriminação, à intolerância e a diversas formas de violência, entre as quais, o *bullying* (Fante, 2011).

Considerando esse contexto, delineia-se a seguinte questão de pesquisa: **O que vem sendo produzido acerca do *bullying* no ambiente escolar, nas dissertações de mestrado da área de Ensino, no período entre 2016 e 2022 no Brasil?** Para isso, faz-se um rastreamento das dissertações de mestrado que tratam desse tema na Base de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), do Ministério da Educação, no período entre 2016 e 2022, na área de Ensino. Cabe destacar que a escolha desta área, deve-se ao fato de a referida pesquisa de mestrado estar sendo realizada num Programa de Pós-Graduação em Ensino.

Com base na questão apresentada, são elencados os objetivos do presente estudo, com ênfase no objetivo geral: Investigar, em dissertações de mestrado da área de Ensino, o que vem sendo produzido acerca do *Bullying* no ambiente escolar. Para atingir o objetivo geral, são indicados os seguintes objetivos específicos:

- a) Rastrear na área de Ensino da Base de dados da CAPES, no período de 2016 a 2022, as dissertações de mestrado que abordam o tema *bullying* na escola;
- b) Selecionar, entre as dissertações encontradas, as que dizem respeito ao *bullying* no ambiente escolar;
- c) Analisar de que modo o *bullying* é abordado nas dissertações, bem como, as questões que aparecem correlacionadas.

Para tratar dos diferentes aspectos desta pesquisa, a dissertação está dividida em cinco capítulos: O primeiro descreve a trajetória pessoal e profissional da pesquisadora, para mostrar como o *bullying* tornou-se uma questão que mereceu sua atenção. O segundo capítulo versa sobre as definições e características do *bullying*,

além de outras questões relativas ao tema. No terceiro capítulo, discorre-se sobre a ocorrência de *bullying* no mundo, no Brasil e no Nordeste. O quarto capítulo é dedicado às indicações metodológicas analíticas da pesquisa, que buscaram rastrear e analisar, na área de Ensino do Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, no período de 2016 a 2022, dissertações de mestrado que abordassem o tema *bullying* escolar. Por fim, no último capítulo, são apresentadas as considerações finais.

2 DEFINIÇÕES E CARACTERÍSTICAS DO *BULLYING*

Bullying é uma palavra inglesa, adotada em muitos países, para definir um desejo consciente e intencional de maltratar e oprimir outra pessoa sob tensão; termo usado para descrever comportamentos agressivos e antissociais, em estudos sobre o problema da violência escolar na literatura psicológica anglo-saxônica. Em outras palavras, trata-se de um comportamento cruel, que ocorre nas relações interpessoais, nas quais, um sujeito mais forte torna o mais fraco objeto de diversão e prazer, por meio de “brincadeiras” que podem camuflar o propósito de abuso e de intimidação (Fante, 2011).

Em relação ao conceito de *bullying*, foi realizada uma pesquisa em 14 países diferentes, com o objetivo de encontrar palavras nativas que fossem similares ao conceito de *bullying*. Através desse estudo, baseado em informações coletadas num grupo de estudantes de 14 anos, foram identificadas 67 palavras relacionadas aos comportamentos de *bullying*, sem que nenhuma delas abrangesse o significado da expressão em inglês (Fante, 2011).

No Brasil, segundo Fante (2011, p. 28, grifo nosso), o termo *bullying* é empregado no seguinte sentido:

Em geral, o *bullying* é empregado na maioria dos países. *Bully* pode ser traduzido como "valentão" ou "tirano". Como verbo, significa "brutalizar", "maltratar", "amedrontar". Desse modo, o conceito de *bullying* é entendido como um conjunto de atitudes agressivas, que se destacam pela sua recorrência e pelo desequilíbrio de poder, entre os envolvidos. Estes critérios não são sempre reconhecidos universalmente, apesar de serem amplamente empregados. Alguns pesquisadores afirmam que é preciso ocorrer no mínimo três agressões à mesma vítima, durante o ano, para que o comportamento seja caracterizado como *bullying*. O desequilíbrio de poder torna-se evidente quando a vítima enfrenta dificuldades para se defender, em virtude de

diversas razões: por ser de menor estatura física; por ter pouca capacidade de autodefesa; ser caracterizado pela falta de assertividade e pouca flexibilidade psicológica, ao lidar com um autor ou autores agressores.

Portanto, o uso do termo *bullying* explica uma enorme pluralidade de comportamentos, com potencial de prejudicar o corpo, os sentimentos, os relacionamentos, a reputação e o *status* social de uma pessoa (Beane, 2010).

De acordo com Fante e Pedra (2008), o *bullying* é diferente de uma provocação inocente sem intenção de ferir; não é uma violência pontual, uma troca de insultos numa discussão. Trata-se da utilização de palavras ofensivas que atentam contra o direito à integridade física e psíquica e à dignidade humana, o que ameaça o direito à educação, ao desenvolvimento, à saúde, bem como a sobrevivência de muitas vítimas, que se sentem desamparadas, vulneráveis, com medo e envergonhadas, o que contribui para sua baixa autoestima e a vitimização continuada e crônica.

No entanto, para Haber (2012), um fator permanece quase sempre constante: a forma como uma criança responde às ocorrências de *bullying* determinará se tais eventos serão ou não repetidos ou intensificados.

Por isso, é necessário compreender que não podemos generalizar todas as agressões ocorridas na escola como *bullying*. É preciso saber distinguir entre o que é ou não manifestação de *bullying* (Pereira, 2009); porém, todos os atos de *bullying*, segundo Lopes Neto (2011, p. 23), “são atos prejudiciais, decorrentes de comportamentos hostis e prepotentes, independentemente, do modo como são praticados”.

Portanto, *bullying* é um conceito bem definido e específico, que não deve ser confundido com outras formas de violência. Ou seja, o *bullying* apresenta características singulares, sendo, possivelmente, a mais relevante, a habilidade de causar danos psicológicos às vítimas. Por fim, é importante notar que o *bullying* também pode ser reconhecido em vários contextos: nas famílias, nos condomínios residenciais, enfim, onde existem relações interpessoais (Fante, 2011).

Nesse sentido, Silva (2019) considera importante salientar que nem todas as formas de violência são consideradas *bullying*; porém, o *bullying* é um tipo de violência pelo fato de ser um ato de brutalidade, de incivilidade, que pode causar dor e sofrimento à vítima. O *bullying* difere por suas características peculiares, repetição e intencionalidade, por não ter motivação aparente e por haver desequilíbrio de poder, uma vez que as vítimas, muitas vezes, não têm condições de se defenderem.

Baseado em variados conceitos e autores, o termo *bullying* pode ser caracterizado, grosso modo, como situações de abuso e intimidação entre pares, que podem ocorrer dentro e fora da escola. Mesmo sem definição em português, é entendido como intimidação, tirania, ameaça, opressão, maltrato e humilhação (Silva, 2019).

2.1 Protagonismo do *bullying*

Considerando a reflexão a respeito dos protagonistas do *bullying*, Fante (2011) explica que estudiosos dos comportamentos tipificados como *bullying* identificam e classificam os tipos de papéis desempenhados, que são bem determinados entre os envolvidos no fenômeno, a saber:

Vítima típica: aquela que se coloca como bode expiatório para o grupo. Uma vítima típica é um indivíduo (ou grupo de indivíduos), geralmente antissocial, que sofre repetidamente as consequências dos comportamentos agressivos de outros e que carece de recursos, *status* ou habilidades para responder ou fazer cessar essas condutas prejudiciais. Suas características comuns são: aspecto físico mais suscetível que os de seus pares; receio de que lhe cause danos ou de estar fisicamente ineficaz nos esportes e nas brigas, em particular, no caso de meninos; extrema sensibilidade, timidez, submissão, alguma dificuldade de aprendizagem, insegurança, ansiedade e, sobretudo, aspectos depressivos [...].

Vítima agressora: aquela que reproduz os maus-tratos sofridos. A vítima agressora é aquele estudante que, depois de passar por situações de sofrimento na escola, tenta encontrar pessoas mais fracas do que ele para fazer deles bodes expiatórios, a fim de transferir as agressões que sofreu [...].

Agressor: aquele que vitimiza os mais fracos. O agressor de ambos os sexos geralmente é alguém que demonstra pouca empatia. Muitas vezes, ele faz parte de família desestruturada, com poucos ou nenhum relacionamento afetivo. Os pais ou responsáveis promovem supervisão inadequada e comportamento agressivo ou violento como modelos para a resolução de conflitos [...].

Espectador: é o aluno que presencia o *bullying*, mas não o sofre nem o pratica. Isso evidencia que a maior parte dos estudantes enfrenta essa questão e adota a estratégia de não se manifestar por receio de se tornar uma nova vítima do agressor. Mesmo que não sofram diretamente as agressões, muitos deles podem se sentir inseguros e incomodados. Alguns espectadores reagem negativamente quando seu direito de aprender em um ambiente seguro e solidário é violado, o que pode afetar suas habilidades e o progresso acadêmico e social (Fante, 2011, p. 71-72-73, grifo do autor).

Outra questão já mencionada é a necessidade de apoio aos protagonistas do *bullying* no contexto escolar. No entanto, como reconhecê-los se até mesmo os professores têm dificuldade em identificá-los?

O pesquisador norueguês Dan Olweus (*apud* Fante, 2011), identifica vários comportamentos que ajudam os professores a identificar as vítimas de *bullying*:

- Costuma parecer geralmente chateado, triste, deprimido ou aflito?
- Costuma isolar-se do grupo durante o recreio ou procura estar próximo dos professores e dos adultos?
- Em jogos de equipe, é o último a ser selecionado?
- Na sala de aula, tem dificuldade em falar diante dos demais, mostrando sinais de insegurança ou ansiedade?
- Apresenta desleixo gradual nas tarefas escolares?
- Ocasionalmente tem hematomas, cortes, arranhões ou roupas rasgadas, de forma não natural?
- Ausência às aulas com certa frequência?
- Perde constantemente os seus pertences? (Fante, 2011, p. 75).

Os próprios processos de questionamentos, que devem ocorrer com relação ao agressor e seu comportamento no cotidiano escolar, são identificados a partir dos ensinamentos de Fante (2011, p. 75):

- Coloca apelidos de forma inadequada ou aborda colegas pelo sobrenome ou nome; insulta, humilha, zomba, difama?
- Faz piadas ou brincadeiras, ri com desdém, é hostil?
- Ameaça, dá ordens, domina e subjuga? Incomoda, intimida, dá socos, chutes, beliscões, puxões de cabelos, envolve-se em discussões e desentendimentos?
- Pega material escolar, dinheiro, lanches de outros colegas e outros pertences sem seu consentimento?

Segundo Fante e Prudente (2015), o *bullying* é uma forma de violência entre pares, que tem características próprias, tais como: intencionalidade, frequência e falta de motivação para justificar um comportamento agressivo. Essas características distinguem o *bullying* de outras formas de violência, dentro e fora da escola.

De acordo com Olweus (1993, *apud* Fante; Prudente, 2015), os envolvidos nesse tipo de violência são claramente identificados, ou seja, sempre há um agressor (líder), um grupo de seguidores (reforçadores), espectadores e uma ou mais vítimas que são excluídas do convívio social.

Aqui compreendemos que os autores de *bullying* também podem ser vítimas e, nesse contexto, são nomeados de alvos/autores. Por outro lado, um aluno que é agredido várias vezes quer "se vingar", fazendo do outro um alvo para cometer agressões. De acordo com Lopes Neto (2011), os alvos autores ora sofrem, ora praticam o *bullying*; representam cerca de 20% dos autores.

Geralmente, os comportamentos de humilhações entre crianças e adolescentes são interpretados como simples brincadeiras de criança pelos

professores e, cotidianamente, aceitos como se fossem normais na vida escolar. Por essa razão, é fundamental reconhecer e debater o fenômeno *bullying* no ambiente educacional, tanto pelos sujeitos/alunos diretamente envolvidos, quanto pela comunidade escolar.

2.2 *Bullying* e as relações de poder

Em 2009, a ONG Plan Brasil¹ desenvolveu a primeira pesquisa em âmbito nacional sobre *bullying* escolar e comprovou, mediante os resultados apresentados, que o fenômeno não se confunde com maus-tratos (Gomes; Sanzovo, 2013). Na configuração geral do *bullying*, “o comportamento do agressor em relação à pessoa mais vulnerável é determinante, ou seja, além de prática repetida, ela é sistemática, dolorosa e deliberada, que se caracteriza por uma combinação desequilibrada de força (de poder, de dominação) [...]” (Gomes; Sanzovo, 2013, p. 59).

A prática do *bullying* está relacionada,

[...] principalmente, às diferenças físicas entre os envolvidos (altura, sobrepeso, cor/etnia, sotaque, padrões de beleza, uso de óculos ou aparelhos dentários, os provenientes de necessidades especiais etc.), às sociais (aspectos econômicos, culturais, orientação sexual etc.) ou às emocionais (personalidade ou temperamento, por exemplo, timidez etc.) (Gomes; Sanzovo, 2013, p. 59-60).

Nesse sentido, essa dessemelhança é vista como algo fora do padrão para os agressores; então, é dessa forma que eles escolhem o seu alvo. A pesquisa do Plan Brasil também identificou que este desequilíbrio de forças pode ser constatado nas diferentes formas de exteriorização do *bullying*, ou seja, em seus diversos modos de agressão: verbal, física, moral, virtual ou psicológica (Plan Brasil, 2010, *apud* Gomes; Sanzovo, 2013).

Para Silva e Andrade (2022), certas interpretações das diferenças – em termos de gênero, raça, classe, orientação sexual, etc. – determinam posições no jogo de

¹ A pesquisa constatou que 28% dos estudantes entrevistados foram vítimas de maus-tratos pelo menos uma vez no ano de 2009. Enquanto aproximadamente 10% da amostra declarou ter sofrido maus-tratos três ou mais vezes no ano, fenômeno que, para fins deste estudo, é tendencialmente considerado como *bullying* (Gomes; Sanzovo, 2013).

poder entre os relacionamentos. Na escola, a diferença pode manifestar-se através de formas concretas de relações abusivas, agressivas e humilhantes.

Dessa maneira, indo ao encontro do que afirma Haber (2012), o *bullying* não diz respeito à resolução de um conflito, nem ocorre entre oponentes em igualdade de condições. Ele ultrapassa os limites da prática de desigualdade de poder, na qual, uma pessoa quer atuar tendo o controle sobre a outra. O *bully* acredita que a vítima seja, de alguma forma, mais fraca que ele, nos aspectos físico, mental, social, emocional, ou numa combinação desses elementos. Os agressores sentem satisfação em prejudicar suas vítimas. Se esse comportamento não for contido, poderá aumentar o poder dos agressores à custa de suas vítimas. Isto posto, segue abaixo o Quadro 1.

Quadro 1 – Respostas das vítimas com relação às manifestações de maus-tratos

Manifestações de maus-tratos	Quantidade	Percentual
Não fui maltratado(a) na escola em 2009.	3.482	42,8%
Xingaram-me.	795	9,8%
Colocaram apelidos vexatórios em mim.	464	5,7%
Ameaçaram-me.	393	4,8%
Disseram coisas maldosas sobre mim ou sobre minha família.	384	4,7%
Insultaram-me por causa de alguma característica física.	369	4,5%
Deram-me socos, pontapés ou empurrões.	312	3,8%
Deram risadas e apontaram para mim.	305	3,7%
Fizeram com que os outros não gostassem de mim.	277	3,4%
Inventaram que peguei coisas dos colegas.	183	2,2%
Puxaram meu cabelo ou me arranharam.	162	2,0%
Não me deixaram fazer parte do grupo de colegas.	157	1,9%
Estragaram minhas coisas.	135	1,7%
Ignoraram-me completamente; deram-me “gelo”.	120	1,5%
Insultaram-me por causa da minha cor ou etnia.	119	1,5%
Pegaram sem consentimento meu dinheiro ou minhas coisas.	88	1,1%
Fizeram zoações por causa do meu sotaque.	63	0,8%
Encurralaram-me contra a parede.	57	0,7%
Forçaram-me a agredir outro(a) colega.	57	0,7%
Humilharam-me por causa da minha orientação sexual.	56	0,7%
Perseguiram-me dentro ou fora da escola.	54	0,7%
Assediaram-me sexualmente.	47	0,6%
Fui obrigado(a) a entregar dinheiro ou minhas coisas.	39	0,5%
Abusaram sexualmente de mim.	18	0,2%
Total	8.136	100,0%

Fonte: Gomes e Sanzovo (2013, p. 60).

Sendo assim, os dados da pesquisa da ONG Plan Brasil, realizada no ano de 2009, apontou que, “de acordo com as respostas das vítimas, a agressão verbal na forma de xingamentos e apelidos é a manifestação mais comum e frequente de *bullying*. Notem que elas não apontam a agressão física como a principal forma de agressão” (Gomes; Sanzovo, 2013, p. 60, grifo nosso).

Quadro 2 – Respostas dos agressores para modos de manifestações a respeito de maus-tratos

Manifestações de maus-tratos	Quantidade	Percentual
Não maltratei.	3.614	55,7%
Xinguei.	778	12,0%
Dei socos, pontapés ou empurrões.	381	5,9%
Dei risadas e aponte o dedo.	237	3,7%
Fiz ameaças.	208	3,2%
Coloquei apelidos vexatórios.	173	2,7%
Puxei o cabelo ou arranhei.	162	2,5%
Ignorei completamente.	146	2,3%
Insultei por causa de alguma característica física.	129	2,0%
Disse coisas maldosas sobre ele(s) ou sobre sua(s) famílias.	91	1,4%
Humilhei por causa da orientação sexual.	73	1,1%
Não deixei fazer parte do grupo de colegas.	63	1,0%
Insultei por causa da cor ou etnia.	60	0,9%
Estraguei coisas das pessoas.	53	0,8%
Fiz zoações por causa do sotaque.	53	0,8%
Obriguei a me entregar dinheiro ou coisas.	45	0,7%
Encurrelei contra a parede.	40	0,6%
Fiz ou tentei fazer com que os outros não gostassem dele.	39	0,6%
Peguei sem consentimento dinheiro ou coisas.	33	0,5%
Persegui dentro ou fora da escola.	29	0,4%
Assediei sexualmente.	26	0,4%
Inventei que pegaram coisas dos colegas.	22	0,3%
Forcei a agredir outro colega.	15	0,2%
Abusei sexualmente.	13	0,2%
Total	6.483	100,0%

Fonte: Gomes e Sanzovo (2013, p. 61-62).

De acordo com a análise realizada, esses dados não surpreendem. Naturalmente, é mais difícil para as vítimas aceitarem as agressões físicas, que configuram por si só um constrangimento que causa uma revelação de baixa autoestima, de inferioridade e de vulnerabilidade. O mesmo não ocorre, por exemplo, com as agressões verbais, como os apelidos e os xingamentos. Considerando que essa prática, muitas vezes, é entendida como brincadeira pelos alunos, fica mais fácil admitir a vitimização (Gomes; Sanzovo, 2013).

Portanto, é fundamental compreender os motivos que desencadeiam os comportamentos dos sujeitos envolvidos na prática do *bullying* no ambiente escolar. De acordo com as pesquisas, existe um perfil de agressor: eles geralmente precisam de poder e controle, gostam de controlar os outros, têm um sentimento positivo com relação à violência e pouca empatia pelas vítimas. Eles também podem ter alguma popularidade e um pequeno grupo de cúmplices. As vítimas, geralmente, são tímidas, introvertidas, cautelosas, sensíveis, quietas, com poucos amigos e com baixa autoestima (Matos; Gonçalves, 2009).

Por falar nisso, um aspecto que pode influenciar a relação entre os estudantes é a sua diversidade cultural, a qual se manifesta na convivência e na interação uns com os outros, com sua forma de pensar, seus hábitos, seus valores, iniciando uma “competição entre eles próprios, pois competimos com nossos semelhantes em praticamente todas as dimensões existenciais, numa busca incessante de superação” (Souza; Moreira, 2020, p. 4).

Igualmente importa assinalar que

[...] é no cenário escolar que ocasionalmente surgem as primeiras convivências com a diversidade, em que as crianças sentem a necessidade de medir forças com os mais fortes, se impondo aos mais fracos, originando ao que na contemporaneidade entendemos como *bullying* (Souza; Moreira, 2020, p. 4, grifo nosso).

Sendo assim, é a partir dessa diversidade que certos estudantes se deixam levar pela imposição dos que se sentem mais fortes e se tornam vulneráveis.

Outrossim, “muitas vezes, as vítimas se sentem inferiores, por não entenderem que o comportamento dos agressores é ilegal, pois 7,5% das crianças e adolescentes foram agredidos por conta de brincadeiras” (Gomes; Sanzovo, 2013, p. 63). Dessa forma, as agressões são vistas como algo comum no ambiente escolar, enquanto as vítimas não percebem que estão sofrendo uma agressão real. O quadro abaixo apresenta as motivações para a prática de maus-tratos, de acordo com as vítimas.

Quadro 3 – Motivações, quantidade e percentual de maus-tratos, segundo as vítimas

Motivações	Quantidade	Percentual
Não fui maltratado.	3.281	54,2%
Não sei.	607	10,0%
Por brincadeira.	453	7,5%
Querem ser populares.	361	6,0%
Porque são mais fortes.	235	3,9%
Porque eu não reajo.	222	3,7%
Porque não são punidos.	195	3,2%
Porque eu sou diferente.	193	3,2%
Querem dominar o grupo.	163	2,7%
Outros.	150	2,5%
Acham que eu mereço.	103	1,7%
Eles se sentem provocados.	85	1,4%
Total	6.048	100,0%

Fonte: Gomes e Sanzovo (2013, p. 63).

De acordo com a ONG Plan Brasil, a diferença entre agressões e brincadeiras é o primeiro passo para a prevenção ao *bullying* (Plan Brasil, 2010, *apud* Gomes; Sanzovo, 2013). Nesse contexto, cabe à escola mais esse grande desafio.

2.3 Consequências do *bullying*

As consequências do *bullying* podem deixar marcas na vida do aluno. Nesse sentido, Borges (2015, p. 114) argumenta que “[...] é importante entender que os efeitos desse tipo de violência ocorrem enquanto a criança é acometida pelo sofrimento, mas são sentidos com mais frequência e intensidade, à medida que a situação se agrava”.

Contextualizando as ideias acerca do ensino, Borges (2015, p. 114-115) menciona que

[...] a escola é o primeiro ambiente social para a criança fora do ambiente familiar que ela tem que enfrentar sozinha. Dessa forma, as relações sociais estabelecidas na escola representam o mundo da criança, pois ela passa a maior parte do seu tempo diário na escola. Quando os primeiros e mais importantes relacionamentos interpessoais e sociais de uma criança são fragilizados, todos os outros relacionamentos futuros tenderão a ser vistos com receio ou desconfiança. Uma criança que é constantemente isolada, rejeitada e criticada tenderá a se enxergar como uma pessoa indesejada e inadequada, interferindo diretamente em sua percepção de si mesma, na sua autoestima e na capacidade de se comunicar com o mundo.

Dessa forma, é importante ressaltar que cada escola possui uma realidade específica, uma vez que os alunos provêm de realidades distintas, que influenciam a construção das relações entre eles. Consequentemente, o *bullying* também vai se apresentar de forma diferenciada, em cada contexto; portanto, ele não deve ser avaliado, desconectado desses contextos, no que tange às suas características, explicações e consequências (Rossato; Rossato, 2013).

Em razão da proporção desse tipo de violência, às vezes, difícil de ser examinada, o *bullying* não está circunscrito apenas às pessoas diretamente envolvidas; todos necessitam de orientação e auxílio, pois, de algum modo, sofrem com o *bullying* (Rossato; Rossato, 2013).

Outrossim, Fante (2011, p. 79-81, grifo nosso), em seu estudo, comenta que

[...] foi observado um grupo de adolescentes com idades entre 13 e 16 anos vítimas desse fenômeno. Este estudo constatou que estes alunos eram propensos a entrar em depressão aos 23 anos, como consequência da perda da autoestima. Ainda, de acordo com os estudos realizados pelo professor Olweus (1993), há uma grande correlação entre o *bullying* e a criminalidade. Acompanhando um grupo de estudantes de 12 a 16 anos identificados como autores do fenômeno *bullying*, os pesquisadores descobriram que 60 deles foram condenados antes dos 24 anos. Os demais alunos, na sua grande

maioria, mesmo que não estivessem diretamente envolvidos em tal comportamento, acabavam sofrendo suas consequências, uma vez que o direito a uma escola segura, solidária e saudável foi desaparecendo, porque o *bullying* fragilizou suas relações interpessoais, acarretando seu desenvolvimento socioeducacional.

Nessa perspectiva, de acordo com a *American Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, compreende-se que o sofrimento real vivenciado pelas vítimas de *bullying* pode interferir no seu desempenho escolar, bem como no seu desenvolvimento social e emocional. Em casos extremos, algumas vítimas preferem suicidar-se a continuar aguentando tais perseguições e castigos (Fante, 2011).

É possível evidenciar que o sofrimento das vítimas de *bullying* compromete, muitas vezes, o seu desenvolvimento psicossocial, bem como seu processo de aprendizagem. Nesse sentido, Lopes Neto (2011, p. 101, grifo nosso) afirma que o *bullying* escolar,

[...] não deve ser visto como comportamento violento praticado pela iniciativa de alguns poucos estudantes. Trata-se de um problema social que é influenciado por fatores familiares, sociais e da própria escola, cuja gravidade varia, dependendo das ações e atitudes individuais e coletivas e do contexto em que ocorre. É um fenômeno complexo, que exige a conjunção de diversas peças, para que seja montado um cenário favorável à sua ocorrência: ambiente permissivo e tolerante, em que a convivência entre os pares seja frequente e duradoura, onde coexistam crianças ou adolescentes agressivos e crianças ou adolescentes submissos ou solitários. Por fim, os adultos negando ou negligenciando os atos de *bullying*.

Nesse contexto, para compreender o *bullying*, faz-se necessário que o professor esteja atento às relações entre os seus alunos, que tenha o cuidado de observar o cenário em que diferentes situações ocorrem dentro da escola, bem como deve perceber as atitudes dos alunos com os seus pares.

3 O *BULLYING* NO MUNDO E NO BRASIL

Neste capítulo, busca-se abordar o *bullying* no mundo e no Brasil. O *bullying* foi identificado pela primeira vez por Olweus, na Noruega, na década de 1970. A notícia se espalhou pela Europa e por todo o mundo, chegando ao Brasil. A partir dessa notícia, os pesquisadores começaram a pesquisar o *bullying* nas escolas e os respectivos efeitos na vida das crianças e dos adolescentes (Fante, 2011). Segue abaixo um breve histórico do *bullying* e, na sequência, o histórico do *bullying* no Brasil, o histórico do *bullying* no Nordeste e o histórico do *bullying* no Estado da Bahia. A opção por conhecer o *bullying* nesta região e no estado brasileiro se deve ao fato de ser o lugar onde a pesquisadora atua como professora.

3.1 Um breve histórico do *bullying*

O *bullying*, um fenômeno presente em todo o mundo, é tão antigo quanto a própria escola. Embora os educadores estivessem cientes do problema, houve poucos investimentos para o desenvolvimento de uma pesquisa sistemática até o início dos anos 1970. Foi nessa época que, pela primeira vez, surgiu, na sociedade sueca, um grande interesse por problemas evidenciados na relação entre agressor e vítima, dada a importância da extensão desse fenômeno, que se alastrou por todos os outros países escandinavos (Fante, 2011). Vale ressaltar que, a partir desse momento, o *bullying* no ambiente escolar tornou-se motivo de grande preocupação para esses países, como observa Fante (2011, p. 45, grifo nosso):

Na Noruega, o problema do *bullying* tem sido uma grande preocupação para os meios de comunicação, professores e pais há muitos anos. No entanto, as autoridades educacionais ainda não se comprometeram oficialmente a lidar com esse fenômeno. No entanto, no final de 1982, um jornal noticiou o suicídio de três crianças de 10 a 14 anos, no norte da Noruega. Este suicídio foi provavelmente motivado por situação de maus-tratos pelos seus colegas de escola. Esse fato causou grande comoção e cobertura na mídia e chegou ao público, levando o Ministério da Educação norueguês a lançar uma campanha nacional em 1983, contra os problemas entre agressores e vítimas.

Ainda, com relação a esse momento histórico, Silva (2015, p. 113-114, grifo nosso) comenta:

Dan Olweus, pesquisador da Universidade de Berger, Noruega, começou nesse período um estudo que envolveu cerca de 84 mil alunos, cerca de 400 docentes e mil pais de alunos. Todas as séries foram observadas, o que corresponderia, atualmente no Brasil, a representantes desde o primeiro ano do ensino fundamental até o último ano do ensino médio. O objetivo principal de Olweus era avaliar as taxas de ocorrências do *bullying* e as formas pelas quais ele se apresentava na vida escolar das crianças e dos adolescentes de seu país.

Diante dos resultados oriundos da extensa pesquisa realizada na Noruega, calculou-se que cerca de 15% do total de alunos do primeiro ao nono ano do sistema educativo norueguês haviam participado regularmente de problemas de vitimização, quer como agressores 7%, quer como vítimas 9%. Assim, a incidência de um em cada sete estudantes envolvidos em situações de “*bullying*”, seja como agressor ou como vítima, mostrou a dimensão do problema nas escolas norueguesas (Catini, 2004).

A partir dos resultados desta pesquisa, o governo norueguês iniciou campanhas de intervenção:

[...] um em cada sete estudantes esteve diretamente envolvido em um episódio de *bullying*. Essa situação, apoiada pelo governo norueguês, permitiu a redução sobre a incidência de *bullying* nas escolas em cerca de 50%; isso levou outros países, como Reino Unido, Canadá e Portugal, a desenvolverem campanhas de intervenção (Fante, 2011, p. 45).

Essas pesquisas e campanhas também se difundiram na Europa, na década de 1990, reduzindo o número de casos de *bullying*. A Conferência Europeia sobre Iniciativas de Combate ao *Bullying* nas Escolas, que ocorreu em 1998, foi outro marco significativo (Fante; Prudente, 2015).

Com relação a esse tema, Carneiro (2020) destaca que o *bullying* é uma preocupação para os países mais desenvolvidos, uma vez que afeta diretamente a qualidade da educação dos alunos, comprometendo assim o futuro do país. Outro

dado importante que merece uma reflexão, ao nos referirmos aos comportamentos agressivos na escola, tem a ver com os “estudos internacionais que comprovam a forte relação entre o *bullying*, o comportamento antissocial e a violência social, praticados por adolescentes e jovens” (Lopes Neto, 2011, p. 11, grifo nosso). Nesse contexto, a escola sente-se impotente para controlar o comportamento agressivo dos alunos praticantes de *bullying*; por isso, deve haver a cooperação da família, para desenvolver em conjunto um plano de estudo, a fim de minimizar esse fenômeno no ambiente escolar.

É importante destacar que o *bullying* ocorre em todas as escolas, independentemente da tradição, localização ou condição financeira dos alunos. Pode-se dizer que ele existe em 100% das escolas ao redor do mundo, tanto nas públicas quanto nas privadas. O que pode variar são os índices de *bullying* nas escolas, de acordo com a realidade de cada uma, o que depende do conhecimento da situação e da atitude de cada instituição de ensino, com relação aos incidentes de violência entre os alunos (Silva, 2015). Ou seja, os índices de casos de *bullying* variam de acordo com a forma como a escola lida com a questão e com a clientela de cada comunidade escolar.

Segundo Mello *et al.* (2017), um estudo realizado em 79 países revelou que, aproximadamente, 30% dos adolescentes relataram ter sofrido *bullying* na escola. Outro estudo realizado nos Estados Unidos constatou que 8,4% dos 2.948 alunos do ensino médio da amostra haviam praticado algum tipo de violência contra seus colegas. Na Europa, notadamente em nações como Portugal e Itália, constatou-se que os índices de estudantes envolvidos em casos de *bullying* foram de 27,5% e 35%, respectivamente. Com relação aos Estados Unidos, Silva (2015, p. 115, grifo nosso) comenta que

[...] o *bullying* tem sido motivo de grande tensão e preocupação nos Estados Unidos, onde o fenômeno cresce exponencialmente, por isso, os estudiosos no assunto o classificaram como um conflito global. Algumas pesquisas indicam taxas tão elevadas que muitos pesquisadores preveem um cenário desfavorável para um percentual considerável de jovens, especialmente, aqueles que assumem o papel de agressores [...].

Ainda, uma pesquisa realizada em 1993, em cinco cidades da Itália (Florence, Cosenza, Bologna, Turin e Nápoles),

apontou que o "*bullying*" nas escolas italianas constitui-se num problema bastante sério. Participaram da pesquisa 2.019 crianças da escola elementar primária (6 a 11 anos) e 2.672 estudantes da escola média secundária (11 a 14 anos), obtendo-se as seguintes frequências: 41,6% de crianças da escola elementar primária declararam ter sido vitimizadas "algumas vezes ou mais frequentemente que isto nos últimos tempos" e destas, 17,5% foram vitimizadas "uma vez por semana ou mais frequentemente que isto"; 26,4% de estudantes da escola média secundária declararam ter sido vitimizados "algumas vezes ou mais frequentemente que isto nos últimos tempos", destes 9,5% o foram "uma vez por semana ou mais frequentemente que isto"; 28% das crianças da escola elementar primária e 10,8% da escola média secundária afirmaram sua participação como agressores (Fonzi *et al.*, 1999, *apud* Catini, 2004, p. 09, grifo nosso).

Outra pesquisa foi realizada no Japão em 1994 e 1995, depois que vários jovens morreram por suicídio, possivelmente, relacionado ao "ijime" (Consulado-Geral do Brasil em Tóquio, 2014). Essa pesquisa foi bastante ampla, ou seja, uma pesquisa nacional, organizada pelo Ministério da Educação, Ciência e Cultura (Monbusho) daquele país. A pesquisa contou com a participação de 9.240 alunos da escola elementar (6 a 12 anos), da escola secundária (12 a 15 anos) e da escola secundária superior (15 a 17 anos), além de 9.240 pais e 557 professores. De acordo com os resultados, 21,9% dos alunos da escola elementar, 13,2% da escola secundária e 3,9% da escola secundária superior relataram ser recorrentemente vítimas ou foram vítimas no ano anterior. Durante o período da pesquisa e no ano anterior, a porcentagem dos que se declararam agressores foi de 25,5% na escola elementar, 20,3% na escola secundária e 6,1% na escola secundária superior. O percentual de vítimas que revelaram ter sofrido "ijime" mais de uma vez por semana foi de 60,4%, 71,2% e 74,8%, respectivamente, segundo os níveis escolares (Morita *et al.*, 1999, *apud* Catini, 2004).

O referido relatório sobre a situação mundial acerca da violência escolar e do *bullying* evidencia que a maior incidência está entre alunos do sexto e do nono ano. Já a idade média dos agressores gira em torno dos 14 anos, enquanto as vítimas possuem 11 anos em média (UNESCO, 2019).

A partir da década de 1990, com os debates políticos e sociais, a Organização Mundial de Saúde (OMS) e a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) começaram a abordar explicitamente a problemática da violência, no campo da saúde pública (Dahlberg; Krug, 2007).

De acordo com o relatório da ONU de 2016, crianças em situação de vulnerabilidade que são vítimas de estigmatização, discriminação ou exclusão correm maior risco de sofrerem *bullying*, pessoalmente e *on-line* (UNESCO, 2019).

Sendo assim, crianças com deficiências, crianças excluídas socialmente, que estão fora da escola, que pertencem a minorias ou são afetadas pela migração são mais propensas a não terem acesso à internet ou a não aprenderem sobre segurança *on-line*. Por outro lado, quando essas crianças têm acesso, também estão mais propensas a serem vítimas de *cyberbullying* (UNESCO, 2019).

O Centro de Pesquisas em *Cyberbullying* nos EUA observou que muitas crianças e adolescentes que declararam ser vítimas do *cyberbullying* também vivenciam outros tipos de *bullying*. Do mesmo modo, de acordo com uma pesquisa realizada em 25 países europeus, o *Kids Online Survey* da União Europeia (UE) mostrou que cerca de metade das vítimas *on-line* também sofreram *bullying* pessoalmente, uma combinação que é considerada especificamente estressante (UNESCO, 2019).

Também, em 2012, dados de uma outra Pesquisa de Comportamento de Saúde de Crianças em Idade Escolar, realizada pela OMS, em 41 países da Europa, mostraram que 13% dos alunos com 11 anos sofreram *bullying* na escola; 12%, aos 13 anos; 9%, aos 15 anos (Silva, 2015).

A hipótese inicial sustentada nesse texto é que o *bullying*, no ambiente escolar, é prevalente entre os alunos das escolas europeias, mas que esse tipo de violência também é encontrado em muitos outros países, inclusive fora da Europa. Além disso, o *bullying* pode acontecer em qualquer escola, independentemente das características sociais, culturais e econômicas dos alunos envolvidos; segundo as pesquisas citadas, ocorre, geralmente, entre estudantes com idades entre 10 e 16 anos (Nova; Sena; Oliveira, 2015).

Outro ponto importante destacado pela Unesco (2019), é que as causas da violência escolar e do *bullying* incluem normas sociais e de gênero, bem como fatores estruturais e contextuais mais amplos. Grande parte da violência e do *bullying* nas escolas está relacionada ao gênero. A violência baseada em gênero é decorrente de agressão ou dano físico, sexual ou psicológico, dirigidos contra alguém, motivados pela discriminação de gênero (UNESCO, 2019).

Segundo outro estudo, baseado em dados fornecidos por pesquisas nacionais nos EUA, as formas mais comuns de *bullying* podem ser categorizadas em três grupos: o de insultos, xingamentos e apelidos; o de golpes, agressão direta e roubo; e o de ameaças, difamação, exclusão social e isolamento. No projeto *Young Lives* sobre pobreza infantil, que acompanhou 12.000 crianças na Etiópia, Índia, Peru e

Vietnã, durante 15 anos, crianças com 15 anos de idade, foram questionadas sobre suas experiências com o *bullying*. Dentre os tipos de *bullying* mais frequentemente relatados, estavam o *bullying* indireto e relacional, tais como a humilhação e a exclusão social. O *bullying* verbal foi mencionado com maior frequência, seguido do *bullying* físico, que foi menos citado que os outros (UNESCO, 2019). Esses dados e suas consequências são evidenciados nos seguintes relatos:

Em 1983, na Noruega, três adolescentes que sofriam *bullying* severo de colegas, acabaram cometendo suicídio. O caso chamou a atenção do Ministério da Educação norueguês, que iniciou uma campanha nacional contra o *bullying* escolar;

Em 1999, dois adolescentes foram responsáveis por um grande massacre no Instituto Columbine do Estado do Colorado. Eles mataram a tiros 13 pessoas e deixaram mais 21 feridos, para então cometerem suicídio. Há relatos de que ambos não eram bem quistos na escola: sofriam ridicularizações e arquitetavam planos de vingança, os quais foram publicados em um blog na internet;

Em 2007, um jovem de 23 anos promoveu novo massacre nos EUA, assassinando 32 pessoas e ferindo outras 23, com subsequente suicídio no Instituto Politécnico da Virgínia (Virginia Tech). O estudante sul-coreano documentou em detalhes, no manifesto que fez chegar à emissora NBC, as práticas de *bullying* a que teria sido submetido na universidade. Essas práticas incluíram, nomeadamente, críticas à sua maneira de vestir, considerada antiquada pelos colegas, à sua maneira de falar, ao seu aspecto físico e às suas origens étnicas;

Já em 2009, dois garotos de 11 anos, estudantes dos Estados de Massachusetts e Geórgia, também nos EUA, suicidaram-se por motivos relacionados ao *bullying* em um intervalo aproximado de duas semanas. Importa notar que os Estados em questão possuíam leis antibullying e aplicavam programas de prevenção nas escolas envolvidas (Albino; Terêncio, 2012, p. 03-04, grifo nosso).

Na sequência, apresenta-se um breve histórico do *bullying* no Brasil. Por muito tempo, a indiferença em relação ao *bullying* estava relacionada ao desconhecimento de sua importância no ambiente escolar. No entanto, devido ao aumento do número de casos e à gravidade dos ataques causados pelos agressores, o número de investigações sobre o assunto tem sido objeto de estudos, inclusive, por pesquisadores brasileiros (Fante, 2011).

3.2 Histórico do *bullying* no Brasil

No Brasil, as pesquisas e a atenção voltadas ao tema iniciaram no final dos anos 1990 e no início de 2000, por meio de profissionais de educação comprometidos seriamente com a causa. Entre eles, destaca-se o trabalho da pedagoga e historiadora

Cléo Fante, pioneira nos estudos de como prevenir a violência nas escolas e autora do programa *antibullying* educar para a Paz (Fante, 2011).

Na mesma direção, durante dezoito anos, a finalidade da Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência (ABRAPIA), fundada em 1988², foi promover e defender os direitos de crianças e adolescentes, bem como passou a dedicar-se a estudar, pesquisar e a divulgar o fenômeno *bullying*. Por meio da Abrapia e do seu fundador – o médico pediatra Lauro Monteiro - muitos de nós ouvimos a palavra *bullying* pela primeira vez (Silva, 2015).

Para tratar da questão do *bullying* no Brasil, é importante abordar alguns aspectos legais, pois não podemos esquecer que “o *bullying* é um fenômeno de mão-dupla, ou seja, acontece dentro e fora da escola. Em função disso, muitas tragédias que acontecem nas imediações das escolas, em *shoppings*, festas ou ruas podem ter sido motivadas e iniciadas dentro do ambiente escolar” (Silva, 2015, p. 122, grifo do autor). Nesse caso, quando esse tipo de violência acontece no ambiente escolar e/ou extrapola os muros da escola, faz-se necessário recorrer ao poder público, por meio das Varas da Infância e da Juventude, que têm legitimidade para atuar nas questões que envolvem crianças e adolescentes.

Tendo em vista o exposto, em 2015, por meio da Lei nº 13.185 (Brasil, 2015), foi estabelecido o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (*Bullying*). Esta lei apenas tipifica as atitudes agressivas decorrentes do fenômeno *bullying*, que se fazem presentes no ambiente escolar.

Dessa forma, o artigo 3º da Lei de Intimidação Sistemática (Lei nº 13.185/2015), também chamada de lei *antibullying*, categoriza o *bullying* em seis tipos: Físico, que consiste em bater, beliscar, ferir, empurrar, agredir; Verbal, que é apelidar, gozar, insultar; Psicológico/Moral, que consiste em intimidar, ameaçar, perseguir, ignorar, aterrorizar, excluir, humilhar, difamar, caluniar, discriminar, tiranizar; Material, que é roubar, destruir pertences materiais e pessoais; Virtual, que decorre em insultar, difamar, discriminar, humilhar, por intermédio da Internet e/ou aparelho celular; e o sexual, conceituado como abusar, violentar, assediar, insinuar (Brasil, 2015, *apud* Silva, 2019).

² Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência (Abrapia) foi criada em 1988, por Aramis Lopes Neto, sócio fundador, coordenador do Programa de Redução do Comportamento Agressivo entre alunos e Diretor da Diretoria dos Direitos da Criança da Soperj. Médico da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro (Lopes Neto, 2005).

De acordo com Brasil (2024), a prática de *bullying* e de *cyberbullying* está descrita na Lei nº 14.811, aprovada em 12 de janeiro de 2024, a qual, no Art. 2º, estabelece as medidas de prevenção e combate à violência contra a criança e o adolescente, em estabelecimentos educacionais ou similares, públicos ou privados. O Art. 146-A, ao tratar da intimidação sistemática (*bullying*), preconiza que intimidar sistematicamente, individualmente ou em grupo, mediante violência física ou psicológica, uma ou mais pessoas, de forma intencional e repetitiva, sem uma motivação clara, através de atos de intimidação, humilhação ou de discriminação, ou por meio de ações verbais, morais, sexuais, sociais, psicológicas, físicas, materiais ou virtuais, tem como punição prevista pena e multa.

Entretanto, episódios de violência escolar têm sido recorrentes em escolas brasileiras, conforme ilustram os episódios relatados nas cenas 1 e 2 sobre a violência na cidade de Taiúva em São Paulo e criança vítima de *bullying*.

Cena 1 – Violência na cidade de Taiúva-SP

No dia 28 de janeiro de 2003, a cidade de Taiúva, interior de São Paulo, foi palco de uma grande tragédia. O jovem Edimar, de 18 anos, entrou armado na escola em que havia concluído o Ensino Médio. Abriu fogo contra cinquenta pessoas que estavam no pátio, feriu seis alunos, uma professora e um zelador. Após a prática desses crimes, ele tirou a própria vida. Segundo as investigações, a barbárie foi motivada por constantes apelidos (“elefante cor-de-rosa”) e humilhações, que Edimar recebeu durante anos devido à sua obesidade. O <i>bullying</i> continuou mesmo depois que o jovem perdeu trinta quilos. Ex-colegas do jovem disseram que ele jurou vingança, afirmando que todos iriam se arrepender.
--

Fonte: Silva (2015, p. 123).

Num estudo mais recente, Aguiar e Barrera (2017, *apud* Teixeira, 2018), trazem dados acerca de investigações sobre uma ocorrência de *bullying* entre os estudantes do ensino fundamental II, em duas escolas, sendo uma delas pública e a outra privada, do interior paulista. Os resultados apontaram que, aproximadamente, 70% dos estudantes afirmaram ser vítimas de abusos na instituição de ensino. Após examinar a característica repetitiva dessas ocorrências, os autores concluíram que 24% da amostra total foi vítima de *bullying*. Em ambas as escolas, o recreio e a sala de aula foram os locais de maior ocorrência de *bullying*. Em relação aos agressores, cerca de 38% admitiram ter cometido agressões contra outros colegas. No entanto, os que demonstraram as agressões com mais frequência foram 14% (Aguiar; Barrera, 2017, *apud* Teixeira, 2018).

Também interessa trazer outro exemplo de *bullying* que aconteceu em ambiente escolar, descrito por Fante (2011).

Cena 2 – Criança vítima de *bullying*

[...] um aluno da 5ª série, de 11 anos, sofria com a perseguição de alguns colegas, porque não gostava de jogar futebol. Por ser tímido e sensível, chorava com facilidade e não sabia como reagir às agressões de alguns colegas da escola e, com isso, os meninos da turma começaram a excluí-lo. Ninguém queria sua participação nos trabalhos em grupo ou nos jogos em equipe. Sem saída, ele se aproximou de algumas meninas e, como resultado ganhou o apelido de Bicha. Por isso, estava sendo perseguido e humilhado durante o recreio, por vários alunos agressores. [...] Ele faltava com frequência às aulas, alegando estar doente, com muitas dores de cabeça e não dormia bem. Sua aparência era triste e deprimida. Ele parecia estar constantemente com medo de que algo ruim acontecesse com ele. Uma colega de classe disse à professora que o menino estava pensando em transferir-se de escola, mas tinha medo de sofrer *bullying* lá também. Ele não sabia o que fazer ou como lidar com o problema. O fato é que estava sofrendo muito e só queria que o deixassem em paz.

Fonte: Fante (2011, p. 31, grifos nossos).

Recentemente, no Brasil, ocorreu uma incidência de casos de violência em escolas, os quais acionaram um alerta às escolas, às famílias e à sociedade em geral, para as causas desses episódios, bem como, para ações de maior segurança nas escolas. A seguir, algumas dessas cenas de violência em escolas.

Cena 3 – Violência na Escola Estadual Thomazia Montoro, situada na cidade de São Paulo-SP

No dia 27 de março de 2023, um estudante do oitavo ano do ensino fundamental, com 13 anos, esfaqueou quatro professoras e dois estudantes com arma branca na Escola Estadual Thomazia Montoro, situada em São Paulo, ocasionando o falecimento da professora Elisabeth Tenreiro, de 71 anos. O agressor era estudante do oitavo ano do ensino fundamental e foi apreendido. De acordo com o boletim de ocorrência feito pelos policiais, esse ataque tinha sido publicado em um post do agressor em sua rede social, em que escreveu ter aguardado por esse momento a “vida inteira”. Ele também disse que esperava matar pelo menos uma pessoa.

Fonte: G1/TV Globo (2023a, texto digital).

Cena 4 – Violência na creche Cantinho Bom Pastor, na cidade de Blumenau-SC

Em 5 de abril de 2023, uma agressão ocorrida na creche Cantinho Bom Pastor, na Rua dos Caçadores, localizada em Blumenau, região do Vale do Itajaí, no Estado de Santa Catarina, resultou na morte de quatro crianças. As vítimas foram: Bernardo Pabest da Cunha, 4 anos; Bernardo Cunha Machado, 5 anos; Larissa Maia Toldo, 7 anos; e Enzo Marchesin Barbosa, 4 anos. O agressor, de 25 anos, que portava uma machadinha, fugiu do local do crime e depois se apresentou no 10º Batalhão da Polícia Militar. Ele foi apreendido e entregue às autoridades da Polícia Civil. Na avaliação da Polícia Civil catarinense, não há como confirmar até o presente momento de sua prisão se houve motivação ideológica ou participação em grupos extremistas. As falas do agressor, de 25 anos, tanto em conversas informais com policiais quanto nos interrogatórios, também sustentam a primeira impressão dos delegados.

Fonte: Gaúcha ZH (2023, texto digital).

Cena 5 – Violência no Colégio Estadual Professora Helena Kolody, na cidade de Cambé-PR

No dia 19 de junho de 2023, os estudantes Karoline de dezessete anos e Luan de dezesseis anos, que estudavam no Colégio Estadual Professora Helena Kolody, na cidade de Cambé, no Estado do Paraná, foram mortos por um ex-aluno, de 21 anos, que adentrou a instituição de ensino, alegando que iria solicitar seu histórico escolar. Juntamente com o agressor, foram apreendidos uma machadinha, carregadores de revólver e a arma que foi usada no delito. A Secretaria de Segurança Pública do Paraná relatou que, além desses objetos, foi achado um diário com registros sobre ataques em instituições de ensino. Segundo informações do secretário de segurança, o autor não tinha relação com as vítimas. O agressor desistiu dos estudos e não concluiu o ensino médio no ano de 2014.

Fonte: Okumura, Lo Re e Rosa (2023, texto digital).

Em termos de crítica contemporânea, o estudo mais recente em nível nacional sobre a ocorrência de *bullying* nas escolas brasileiras foi publicado em 2015, baseado na Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), que entrevistou mais de 100 mil alunos do 9º ano (escolas públicas e particulares), em todo o país. Uma pesquisa com jovens entre 13 e 15 anos, abrangendo todas as capitais e o Distrito Federal, constatou que 20,8% dos alunos já haviam sofrido *bullying*. Por outro lado, a pesquisa revelou que 34,4% deles haviam se sentido humilhados nos 30 dias anteriores à pesquisa; 28,2% disseram que raramente ou às vezes se sentiram ofendidos; 7,2%, quase sempre ou sempre (Silva, 2015).

Ficou claro nesta pesquisa que o agressor de *bullying* que pratica a humilhação escolhe de forma intencional a vítima, por entender que ela apresenta certas características em seu comportamento, como, por exemplo, ser “[...] mais fraca, com o objetivo de machucar e prejudicar, sem ter havido provocação por parte da vítima” (Berger, 2007, *apud* Bandeira; Hutz, 2012, p. 36).

Não podemos esquecer que esse tipo de comportamento acontece na presença de testemunhas, que

[...] não incentivam ou cooperam diretamente com os agressores, mas simplesmente veem, comentam e fingem que nada está acontecendo. Sentem-se verdadeiramente neutras e pensam que denunciar não ajuda, mas, na prática, geralmente não denunciam por medo de se transformarem em outras vítimas (Rossato; Rossato, 2013, p. 87).

Dessa forma, se as testemunhas representadas pelos alunos tivessem conhecimento das várias manifestações do *bullying*, poderiam contribuir para reduzir esse tipo de violência, denunciando os agressores para as autoridades da escola, apesar das ameaças que poderiam vir a sofrer pelos *bullies*, no contexto escolar.

Como já mencionado, o *bullying* é uma forma de violência que, geralmente, inicia dentro do ambiente escolar, onde o agressor pratica o mesmo ato, reiteradamente, durante dias ou semanas. Essa forma de agressão ultrapassa os muros da escola, o que pode enveredar para o cometimento de crimes contra a vida, pois algumas vítimas de *bullying*, ao concluírem seus estudos, retornam ao mesmo estabelecimento de ensino para praticar violência contra a escola e, conseqüentemente, contra estudantes e professores que ali estão.

Portanto, as conseqüências do *bullying* podem ser desastrosas para as vítimas, principalmente, quando se trata de crianças ou adolescentes que ainda não possuem discernimento para reagir, nem mesmo para pedir ajuda aos professores e aos familiares.

Nesse sentido, pesquisadores alertam que certos cuidados devem ser tomados para evitar que comportamentos agressivos no ambiente escolar se tornem irrelevantes. Em vista disso, a Abrapia desenvolveu uma investigação das características dos comportamentos agressivos entre estudantes. O Programa de Redução do Comportamento Agressivo entre Estudantes foi desenvolvido e aplicado em 11 escolas (nove públicas e duas particulares), no estado do Rio de Janeiro, com a participação de 5.500 alunos do 5º ao 8º ano (Lopes Neto, 2005). Os quadros abaixo mostram os resultados da referida pesquisa.

Quadro 4 – Percepções dos estudantes com relação à prática de *bullying* nas escolas

Dados da pesquisa inicial da ABRAPIA
<p>*40,5% dos estudantes confessaram estar diretamente envolvidos em atos de <i>bullying</i>, sendo 16,9% como alvos; 12,7% como autores; 10,9% ora como alvos, ora como autores;</p> <p>*60,2% dos estudantes afirmaram que o <i>bullying</i> ocorre com maior frequência dentro das salas de aula;</p> <p>*80% dos estudantes manifestaram sentimentos contrários aos atos de <i>bullying</i>, como medo, pena, tristeza, etc.;</p> <p>*41,6% dos que afirmaram ter sido alvo de <i>bullying</i> disseram não ter procurado ajuda de colegas, professores ou familiares;</p> <p>*entre aqueles que pediram auxílio para reduzir ou cessar seu sofrimento, o objetivo somente foi atingido em 23,7% dos casos;</p> <p>*69,3% dos jovens admitiram não saber as razões que levam à ocorrência de <i>bullying</i> ou acreditam tratar-se de uma forma de brincadeira;</p> <p>*entre os alunos autores de <i>bullying</i>, 51,8% afirmaram que não receberam nenhum tipo de orientação ou advertência quanto à incorreção de seus atos.</p>

Fonte: Lopes Neto (2005, p. 166, grifos nossos).

Quadro 5 – Percepções dos estudantes com relação à prática de *bullying* nas escolas

Alterações identificadas na avaliação final do projeto da ABRAPIA
<p>*79,9% dos estudantes admitem reconhecer o que é <i>bullying</i>; *redução de 6,6% de alunos alvos; *redução de 12,3% de alunos autores de <i>bullying</i>; *a indicação da sala de aula como local de maior incidência de atos de <i>bullying</i> caiu de 60,2% para 39,3%, representando uma queda de 24,7%; *o número de alunos que admitiu gostar de ver o colega sofrer <i>bullying</i> reduziu 46,1%; *entre os alunos alvos que buscaram ajuda, o sucesso das intervenções para a redução ou a cessação do <i>bullying</i> teve um crescimento de 75,9%; *o desconhecimento sobre o entendimento das razões que levam à prática de <i>bullying</i> reduziu 49,1%; *aqueles que admitiram o <i>bullying</i> como um ato de maldade passou de 4,4% para 25,2% das respostas, representando um aumento de 472,7%; *o número de estudantes que praticaram <i>bullying</i> e que admitiu ter recebido orientações e advertências quanto à incorreção de seus atos aumentou de 45,6% para 68%, o que equivale a um acréscimo de 33,4%.</p>

Fonte: Lopes Neto (2005, p. 166, grifos nossos).

Este estudo mostra que o grande desafio da gestão escolar é criar estratégias de forma sistemática, por meio de ações pedagógicas, no sentido de conscientizar os alunos sobre os malefícios que o *bullying* pode causar para agressores e vítimas, uma vez que 69,3% dos alunos que responderam à pesquisa admitiram que o *bullying* é uma brincadeira, mas que afeta não só a qualidade do ensino e da aprendizagem, mas também a saúde de todos os envolvidos (Lopes Neto, 2005).

Da mesma forma, a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), no seu mais recente relatório sobre violência e *bullying*, lançado no Simpósio Internacional sobre Violência Escolar e *bullying*, realizado em Seul, na Coreia do Sul, em janeiro de 2017, ressaltou a importância de atentar para os casos de *bullying* que envolvem questões de gênero e diversidade. O relatório trouxe novos dados sobre o fenômeno. Espera-se que as informações reforcem ainda mais as políticas governamentais e as ações de prevenção para reduzir as agressões no ambiente escolar (Monteiro, 2017). Cabe destacar que o referido Simpósio teve como objetivo apoiar as estratégias globais de intervenção e de prevenção à violência, no interior das escolas.

Frente a esse contexto, constata-se que a ocorrência de violência em escolas, incluindo as escolas brasileiras, é cada vez mais frequente, instituindo uma determinada forma de resolução de conflitos decorrentes de vivências de *bullying* no contexto escolar. Ademais, ainda são insuficientes estudos científicos que abordem o papel dos agressores em situações de *bullying*, visto que a maioria das pesquisas se concentra na perspectiva da vitimização e no relato de experiência das vítimas (Mello *et al.*, 2017).

Acreditamos que não é fácil o combate ao *bullying*, pois esse tipo de comportamento está presente em todos os lugares, mas é possível olhar para as inúmeras avaliações de pesquisas feitas em várias partes do mundo e argumentar que o problema é global e, particularmente, está presente na relação entre criança e adolescente no ambiente escolar.

3.3 Histórico de *bullying* no Nordeste

Iniciamos destacando alguns casos de *bullying* ocorridos na região do Nordeste. A opção por abordar esta região brasileira se deve aos últimos casos de *bullying* ocorridos nas instituições de ensino do Nordeste, fato que a pesquisadora considera importante para a sua pesquisa, uma vez que as suas atividades laborais são exercidas na cidade de Salvador-BA, região Nordeste do Brasil. Novamente, algumas cenas, ocorridas na região Nordeste, são apresentadas.

Cena 6 – O que é necessário e viável para prevenir casos de violência escolar em Sobral-CE?

Em outubro de 2022, um aluno com uma arma de fogo dentro da escola. Disparos. Três outros estudantes baleados. Tensão, sofrimento e violência no ambiente no qual se pressupõe predomínio da segurança e da convivência pacífica. Falas iniciais dão conta de uma “resposta” ao *bullying* sofrido no cotidiano. O caso trágico em uma escola pública de Sobral, não é comum no Ceará. É extremo e alerta tanto pela gravidade, quanto pelos efeitos. A ocorrência na Escola de Ensino Médio de Tempo Integral Professora Carmosina Ferreira Gomes, em Sobral, na Região Norte do Ceará, afetou a rotina de 364 alunos, e compromete diretamente a vida de quatro famílias. Após o ataque, a escola foi fechada e assim permanecerá por tempo indeterminado, até que a comunidade escolar reorganize a reabertura.

Fonte: Nascimento (2022, texto digital, grifo nosso).

A situação, que é complexa, conforme apontado pelas fontes ouvidas pelo Diário do Nordeste, têm os seguintes pontos que precisam ser considerados: - As escolas não são instituições apartadas da sociedade; logo, situações complexas de violência também são realidades desses lugares. - O estudante teria alegado que sofre *bullying* e isso seria a possível “motivação”. - O *bullying* é um problema grave, recorrente nas escolas, que impacta negativamente a qualidade de vida dos estudantes; por isso, precisa ser combatido com medidas efetivas (Nascimento, 2022).

Cena 7 – Estudante de escola pública de PE sofre *bullying* por ter problemas mentais

Em março de 2018, um estudante foi vítima de *bullying* em uma instituição de ensino público de Capoeiras, no Agreste de Pernambuco. Testemunhas relataram que o jovem sofreu *bullying* devido aos seus problemas de saúde mental. A direção, coordenação, professores e demais funcionários da EREM Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, localizada em Capoeiras, veio a público esclarecer o episódio ocorrido nesta escola, em que um de seus alunos foi vítima de atitude constrangedora praticada por colegas e cujo vídeo está circulando nas redes sociais.

Fonte: G1/TV Globo (2018, texto digital, grifo nosso).

Cena 8 – Vítima de *bullying* na PB finge sequestro para chamar atenção

Em fevereiro de 2008, um jovem é encontrado encapuzado e com roupas encharcadas de gasolina. Depois de prestar depoimento durante oito horas no 10º distrito policial de João Pessoa, na Paraíba (PB), o estudante de 18 anos confessou que se encharcou de gasolina e forjou o seu próprio sequestro para chamar atenção das autoridades sobre o problema do *bullying* escolar. O estudante é o mesmo que ameaçou um colégio particular da cidade em setembro há um ano atrás, afirmando ser vítima “extrema” de *bullying* - prática na qual crianças e adolescentes são agressivamente intimidados pelos colegas por meio de apelidos constantes e repetitivos. A suposta armação foi feita pelo rapaz para convencer a polícia e o Ministério Público do Estado da Paraíba de que ele não estava envolvido na produção de três vídeos postados no YouTube em que eram feitas ameaças contra alunos da escola particular da cidade. De acordo com o promotor da Infância e da Juventude Alley Borges Scorel, o garoto confessou aos policiais ter produzido sozinho os vídeos para simular que seria perseguido por suposto grupo de estudantes em busca de vingança. Bem editada, a montagem sugere que o jovem era dissidente do grupo e que o motivo do rompimento seria sua denúncia à polícia do plano do grupo de realizar um atentado (não-concretizado) à escola. O vídeo também defende uma lei nacional para combater o *bullying*. Segundo o secretário de Segurança Pública do Estado da Paraíba, Eitel Santiago, o estudante cometeu “atos de terrorismo” contra outros estudantes e responderá pelos crimes de exposição de pessoas ao perigo, bem como pela falsa denúncia de crime (ao forjar o seu próprio sequestro). De acordo com o promotor, que acompanhou o caso desde o início, os pais do estudante ficaram surpresos com a confissão do filho, pois afirmaram que ele está em tratamento psicológico. Como a polícia também estava no caso, o estudante teve que criar uma forma de tornar a farsa verossímil, montando uma simulação de um sequestro recente. Ele acorrentou mãos, pés e amarrou um pano na boca, usou um gorro e até se encharcou de gasolina. “Ele repetiu todo o processo no seu depoimento à polícia para demonstrar a sua viabilidade. Ele é um menino muito inteligente, mas está doente”, disse o promotor. Segundo Scorel, o estudante ficou profundamente perturbado por causa do *bullying* que sofreu na escola (seu apelido era chupeta de baleia). Ele quer chamar a atenção da sociedade porque sofreu medidas socioeducativas e quem praticou o *bullying* contra ele não sofreu nada. Perante o exposto, na cabeça dele, isso ainda não acabou.

Fonte: Bassete e Haidar (2008, texto digital, grifos nossos).

Segundo o IBGE (2010), João Pessoa é a capital do Nordeste com mais vítimas de *bullying*. Três em cada dez estudantes do 9º ano do ensino fundamental (antiga 8ª série) já foram vítimas de *bullying*, seja em escolas públicas, seja em privadas, em João Pessoa. De acordo com a Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar, divulgada neste mês pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), 32,2% dos estudantes entrevistados disseram ter sofrido *bullying* na escola (Ministério Público do Estado da Paraíba, 2010).

Cena 9 – Criança é filmada por seus colegas na escola de Paracuru, na Grande Fortaleza

Em janeiro de 2023, um menino de 11 anos teve as mãos e os pés amarrados e foi filmado sentado no chão, enquanto era agredido verbalmente por colegas da escola, localizada no município de Paracuru, na Região Metropolitana de Fortaleza. No vídeo que está circulando nas redes sociais, aparecem outras três crianças, além do menino amarrado. Classificado como “ato infracional análogo ao crime de tortura”, a Polícia Civil informou que a Delegacia Municipal de Paracuru já instaurou um procedimento policial, o que culminou com a identificação de todos os envolvidos no caso.

Fonte: G1/TV Globo (2023b, texto digital).

Segundo pesquisas do IBGE, um em cada cinco estudantes de 13 a 17 anos no MA (Maranhão) já sofreu *bullying* na escola. Este levantamento apontou que os principais motivos são a aparência do corpo, a aparência do rosto e a cor da pele. Da mesma forma, um em cada cinco estudantes 20,1% afirmou ter sido acometido por esse tipo de provocação. Uma proporção maior de meninas 24% do que de meninos 16,3% relatou ter sofrido *bullying*. Quando os estudantes maranhenses foram perguntados sobre o motivo de sofrerem *bullying*, as principais causas citadas foram: aparência do corpo, 16%; aparência do rosto, 10,6% e cor ou raça, 9,2% (G1/TV Globo, 2021).

Cena 10 – Escola de Natal é condenada a pagar indenização de R\$ 10 mil reais a aluno que foi vítima de *bullying*

Em julho 2019, a justiça ordenou uma escola em Natal a pagar R\$10 mil a título de indenização por lesões causadas a um aluno vítima de *bullying*. Em sua decisão, a juíza Thereza Cristina Gomes, da 14ª Vara Cível da Comarca da Capital entendeu que a instituição não agiu, mesmo após advertências da família. Segundo a mãe da criança, autora da ação, as agressões começaram em 2017, quando o estudante tinha 9 anos e cursava o 3º ano do ensino fundamental. Durante o ano, ela declarou que a situação tinha agravado e que, no “final de novembro, as agressões passaram de verbais para físicas, quando alguns colegas o agrediram com empurrões, socos e pontapés”. A autora alegou ainda que houve ataques em sala de aula, na presença da professora que não tomou nenhuma providência para evitar as agressões sofridas pela criança. Ainda, de acordo com a família, esses atos de violência podem ter origem preconceituosa, pois o aluno sofre de Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), o que foi demonstrado em laudo fornecido pelo psicólogo e informado à escola no momento da matrícula. Devido a estes acontecimentos, a criança deixou de frequentar a escola por medo de sofrer novas hostilidades e completou o ano letivo com aulas em sua residência.

Fonte: G1/TV Globo (2019, texto digital, grifo nosso).

Diante de casos de *bullying* em escolas, Teixeira (2013) adverte que, se os pais suspeitarem que o filho ou a filha é vítima de *bullying* na escola, eles devem entrar em contato com a coordenação pedagógica e agendar um encontro o mais breve possível para discutir o problema. É comum ver pais que reforçam o isolamento dos filhos numa tentativa de “protegê-los” das agressões. Essa superproteção é altamente prejudicial à criança, pois tende a afastá-la dos outros estudantes, o que prejudica o desenvolvimento das habilidades sociais.

Na sequência, o autor comenta que, em vez de superproteção, os pais devem trabalhar junto com a escola no desenvolvimento de estratégias que eliminem a violência escolar, visando aumentar a interação social com outras crianças, na perspectiva de melhorar a autoestima e a socialização, além de pensar em atitudes mais assertivas e positivas, como apoiar a prática esportiva (Teixeira, 2013).

3.4 Histórico de *Bullying* no Estado da Bahia

Com relação ao Estado da Bahia, recentemente, ficou evidenciado o crescimento de ataques violentos contra escolas, publicizados em notícias e nas redes sociais.

A Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), realizada pelo IBGE em 2019, revelou que um a cada três adolescentes baianos entre 13 e 17 anos dizem já ter sofrido *bullying* na escola, o que representa 34,1% da população. No caso de Salvador, a proporção foi um pouco maior, correspondendo a 35,6%. Já em relação à população que pratica *bullying*, apenas 9,6% dos estudantes da Bahia e 9,4% dos estudantes soteropolitanos admitiram assumir o papel de agressor. Esta pesquisa é a mais recente, visto que, em 2020 e 2021, as aulas foram comprometidas devido à pandemia de Covid-19 (Cerqueira, 2022).

Abaixo, alguns casos de violência do tipo *bullying* que ocorreram em escolas, em Salvador e em Remanso na Bahia.

Cena 11 – Estudante de um Colégio particular em Salvador foi agredido por seu colega

Em junho de 2022, um adolescente foi espancado por um aluno dentro do Colégio Integral, no bairro da Pituba, em Salvador. O suspeito da agressão e a vítima são estudantes da mesma escola. De acordo com informações do Colégio Integral, o jovem que foi vítima das agressões é aluno do 6º ano, enquanto o apontado como autor estuda no 8º ano. Segundo a escola, o adolescente suspeito de agredir um colega foi suspenso até que o caso seja totalmente investigado pelas autoridades competentes.
--

Fonte: G1/TVGlobo (2022, texto digital).

Cena 12 – Mãe de aluna relatou que a filha está sofrendo *bullying* e racismo numa escola particular em Salvador

Em novembro de 2022, uma adolescente negra de 12 anos, sobrinha do cantor e compositor Filipe Escandurras, foi alvo de *bullying*, em uma escola particular de Salvador. O artista compartilhou nas redes sociais vários comentários ofensivos que a menina recebeu em um grupo de *whatsApp* com colegas de classe. A mãe da jovem disse ao Correio que essa não foi a primeira vez que a menina sofreu *bullying* no Colégio Ponto Alto, que fica localizado no bairro São Marcos, em Salvador. De acordo com a tecnóloga em logística, um adolescente foi alvo de comentários ofensivos por parte de um colega da instituição. "A escola não se posiciona e não toma medidas cabíveis ao caso concreto, disse". Nas imagens publicadas por Escandurras, no *Instagram*, os comentários, implicâncias e o *bullying* são realizados por um colega de sala, que teria a mesma idade. Segundo Soleide, a situação com a filha vem ocorrendo há aproximadamente seis meses, quando minha outra filha [de 19 anos], que estuda no mesmo colégio, a encontrou chorando no banheiro do colégio, "disse que, ao receber comentários dos colegas, sentiu-se completamente humilhada. Diante disso, a minha outra filha, de 27 anos, foi até o colégio solicitar uma conversa com os pais da criança [que praticou o *bullying*], mas a instituição não tomou nenhuma atitude e não me convidou para conversar", disse. A mãe da menina relatou que flagrou a filha chorando no quarto e, ao perguntar o que estava acontecendo, a adolescente mostrou as mensagens que havia recebido do colega de classe, via aplicativo. "Nesse momento, solicitei para que ela se afastasse do grupo e que iria entrar com uma ação contra a escola", acrescentou. Apesar de não ser a única adolescente negra na sala de aula, ela era a única que vivenciava o racismo e as provocações do estudante, principalmente, por sua escolha de usar o cabelo no estilo *black*. Nas mensagens também fica evidente que o colega solicita para a adolescente procurar um otorrinolaringologista, isto porque, segundo a jovem, era para que ela percebesse que vários estudantes da instituição falavam mal dela no colégio e que ela precisaria escutar com mais atenção as ofensas.

Fonte: Cerqueira (2022, texto digital, grifos nossos).

Cena 13 – Violência na cidade de Remanso-BA

Denilton, um adolescente de 17 anos, na cidade de Remanso, na Bahia, quieto e introvertido, foi expulso do grupo de amigos da escola. Revoltado com os anos de humilhações que sofreu no ambiente educacional, ele decidiu dar um basta àquela sequência de sofrimento e de humilhação. No dia 6 de fevereiro de 2004, movido por pensamento de vingança, dirigiu-se à sua antiga instituição de ensino, em busca dos seus agressores. Porém, não os encontrando, já que as aulas estavam suspensas, dirigiu-se à escola onde estava matriculado no terceiro ano do Ensino Médio, e novamente encontrou as portas fechadas. Necessitando a todo o custo exteriorizar os sentimentos que em sua alma estavam represados, resolveu ir à residência de seu principal agressor, um menino de 13 anos, e o matou com um tiro na cabeça. Após o cometimento desse crime, foi até à escola de informática onde havia estudado, na tentativa de encontrar aqueles que, aos poucos, no dia a dia, foram lhe roubando a alegria de viver e o direito de aprender e ser feliz. Na tentativa de barrar quem ousasse entrar em seu caminho para impedi-lo de seu intento, atirou contra funcionários e alunos, matando a secretária e provocando lesões em mais três pessoas. Em seu depoimento, esse adolescente revelou o grau de sofrimento e traumas ocorridos em seu psiquismo, em decorrência de anos de humilhação no ambiente escolar.

Fonte: Fante (2011, p. 41).

A mesma pesquisa do IBGE revela que a aparência é a principal causa de humilhação. Na Bahia, 15,6% dos estudantes que sofreram *bullying* indicaram como motivo a aparência do corpo e 10,7%, a do rosto (Cerqueira, 2022).

Com relação à questão da aparência, Roman *et al.* (2022) entendem que uma visão caricata do outro, seja ele o estudante ou o professor, refere-se à aparência física e, conseqüentemente, ao corpo do outro, mas também, às formas de ser e de estar no mundo, que se apresentam como identidades de gênero, os gostos de

classes, as regionalidades, entre muitas outras. Ainda, segundo os autores, características como a cor da pele negra ou um penteado de inspiração afro, muitas vezes, são a base para alguns apelidos racistas desagradáveis. Os xingamentos racistas e homofóbicos também são bastante comuns nas relações entre estudantes.

No próximo capítulo, apresentamos as indicações metodológicas analíticas, os rastreamentos e os arquivamentos iniciais, os rastreamentos temáticos, a análise e a discussão dos achados.

4 INDICAÇÕES METODOLÓGICAS ANALÍTICAS

Como já mencionado, o propósito da presente pesquisa foi buscar compreender o que vem sendo produzido acerca do *bullying* no ambiente escolar, nas produções de mestrado da área de Ensino, no período entre 2016 e 2022 no Brasil. Para isso, a investigação foi realizada junto ao Catálogo de Teses e Dissertações de Pós-Graduação *Stricto Sensu* da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), mais especificamente, em dissertações de Mestrado da área de Ensino, produzidas entre os anos de 2016 e 2022. Em meio a essa base de dados, foram realizados os seguintes procedimentos:

- 4.1 Rastreamentos e arquivamentos iniciais;
- 4.2 Rastreamentos temáticos;
- 4.3 Análise dos achados;
- 4.4 Discussão dos achados.

4.1 Os rastreamentos e arquivamentos iniciais

A primeira busca foi realizada com o intuito de aproximar-se do objeto de estudo da pesquisa. Nesse sentido, o rastreamento inicial, realizado na base de dados da CAPES (CAPES, 2023), foi com o descritor “*bullying* no ensino fundamental”, a partir do qual encontramos um quantitativo muito alto de dissertações e teses, como pode ser visto no Quadro 6. No segundo rastreamento, utilizamos o descritor “*bullying* no ambiente escolar”, obtendo um resultado ainda bastante grande (Quadro 6). Não

havia nenhuma possibilidade de catalogar milhares de títulos, até porque verificou-se que alguns títulos fugiam da temática da presente proposta de pesquisa, visto que o propósito deste estudo é o *bullying* no ambiente escolar na área de Ensino. O terceiro rastreamento foi feito com algumas variações dos descritores, como “*bullying* no contexto escolar”; porém, os resultados ainda permaneceram com um quantitativo de trabalhos muito altos para serem considerados nesta pesquisa. No quarto rastreamento, reduzimos a expressão do último descritor, deixando apenas “*bullying*” e houve uma redução significativa. Por fim, no quinto rastreamento, utilizando este mesmo descritor, a pesquisadora fez uma nova busca nas dissertações e teses publicadas entre os anos de 2013 e 2022, apenas na área de Ensino.

Logo abaixo, encontram-se os quadros com as sínteses dessas buscas, a classificação dos descritores, os critérios que foram determinados e o quantitativo de achados concernentes.

Quadro 6 – Explicação da base de dados do Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior–CAPES, concernentes à segunda quinzena do mês de dezembro de 2022 e outubro de 2023

Nº	Descritor	Critério adicional	Quantidade de recursos da base de dados da CAPES
1º	<i>Bullying</i> no ensino fundamental	-	816011 resultados
2ª	<i>Bullying</i> no ambiente escolar	-	805369 resultados
3º	<i>Bullying</i> no contexto escolar	-	775904 resultados
4ª	<i>Bullying</i>	- Entre estes anos (2016 e 2022)	695 resultados
5º	<i>Bullying</i>	- Entre estes anos (2013 e 2022)	698 resultados

Fonte: Da autora (2023).

A princípio, os critérios estabelecidos para esse estudo seriam pesquisas (dissertações e teses) publicadas entre os anos 2013-2022, que identificassem temas relacionados à temática de pesquisa sobre o *bullying* na área de Ensino, porém não foram encontradas dissertações e teses sobre *bullying* na área de Ensino nos anos de 2013, 2014 e 2015.

Porém, com base nesses critérios, neste quinto rastreamento (Quadro 6), ainda foram encontradas 698 pesquisas de dissertações e teses, sendo necessários novos recortes, uma vez que ainda era um número muito grande para a análise, além de muitas pesquisas tratarem do tema *bullying* relacionado a outras áreas do conhecimento e não com o ambiente escolar, foco desta dissertação.

Definiu-se, então, dar prosseguimento ao rastreamento na base de dados da CAPES, apenas buscando dissertações da área de conhecimento “Ensino”, sendo então selecionadas catorze (14) pesquisas (dissertações) sobre *bullying* entre os anos 2016-2022. Vale destacar que, entre as 698 dissertações pesquisadas no banco de dados da CAPES, apenas catorze dissertações abordavam sobre o *bullying* no ambiente escolar na área de Ensino.

A seguir, no Quadro 7, constam os títulos das 14 dissertações publicadas de acordo com os autores, os anos, os tipos de trabalhos pesquisados, as universidades e os *sites* disponíveis para consultas.

Quadro 7 – Dissertações na área de Ensino sobre *Bullying* – CAPES

	Título	Autor	Ano/Tipo Universidade	Disponível em
A	“Nem sempre o adulto resolve...”: o serviço de orientação educacional e as práticas de <i>bullying</i> no primeiro segmento do ensino fundamental.	MARTINS, Ana Carolina Hyer de Faria da Silva.	2016 Dissertação/ Universidade do Estado do Rio de Janeiro.	https://sucupira.CAPES.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=4688545
B	<i>Bullying</i> : a percepção dos praticantes.	REIS, Katarina Pereira dos.	2017 Dissertação/ Universidade do Estado do Rio de Janeiro.	https://sucupira.CAPES.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=5838946
C	O <i>bullying</i> segundo a percepção de estudantes do quinto ano do ensino fundamental.	MONTEIRO, Michele Popenga Geraim.	2017 Dissertação/ Universidade Federal do Paraná.	https://sucupira.CAPES.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=5073354
D	<i>Bullying</i> e educação: uma análise da produção científica disponível no banco de teses e dissertações da CAPES (2014-2016).	PIRES, Mariana Rocha.	2018 Dissertação/ Universidade do Estado do Rio de Janeiro.	https://sucupira.CAPES.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=6320873
E	Reconhecer, prevenir e combater o <i>bullying</i> no Ensino Fundamental: proposta de um projeto de intervenção.	TEIXEIRA, Carolinne Rodrigues da Silva.	2018 Dissertação/ Universidade Federal de Ouro Preto.	https://sucupira.CAPES.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=7047589

Continua...

(Continuação)

	Título	Autor	Ano/Tipo Universidade	Disponível em
F	As interfaces entre a superdotação e o <i>bullying</i> no contexto escolar.	SILVA, Alex Almeida da.	2018 Dissertação/ Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.	https://sucupira.CAPES.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=6407087
G	Violência escolar, <i>bullying</i> e violação de direitos humanos no cotidiano escolar.	SILVA, Vanessa Costa Gonçalves.	2019 Dissertação/ Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Mato Grosso.	https://sucupira.CAPES.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=8397538
H	Prevenção e combate ao <i>bullying</i> no contexto escolar com ações de protagonismo juvenil.	GRECCO, Leyze.	2020 Dissertação/ Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Mato Grosso.	https://sucupira.CAPES.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=10216957
I	Corporeidade, sexualidade e <i>bullying</i> no ensino de ciências naturais.	SILVA, Gilson Pequeno da.	2020 Dissertação/ Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Mato Grosso.	https://sucupira.CAPES.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=9775028
J	A percepção de elementos constituintes do <i>bullying</i> a partir de situações de intimidação na escola.	FERREIRA, Júlia Neves.	2020 Dissertação/ Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.	https://sucupira.CAPES.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=9351081
K	Protagonismo jovem – criação e gestão de conteúdo do aplicativo “viva feliz: <i>bullying</i> não!	ROSÁRIO, Bruna Pinheiro dos Santos Lopes do.	2021 Dissertação/ Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Mato Grosso.	https://sucupira.CAPES.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=11284165
L	<i>Bullying</i> e a solução de problemas morais-práticos pelo agir comunicativo no mundo da vida escolar.	OLIVEIRA, Paloma Breckenfeld Alexandre de.	2021 Dissertação/ Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.	https://sucupira.CAPES.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=11514699

Continua...

(Continuação)

	Título	Autor	Ano/Tipo Universidade	Disponível em
M	<i>Bullying</i> no contexto escolar: uma análise diagnóstica nas redes estaduais e municipais de Mato Grosso.	SANTOS, Carla Cristina Rodrigues.	2021 Dissertação/ Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Mato Grosso.	https://sucupira.CAPES.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=11284263
N	Percepções de estudantes e ex-estudantes da educação básica sobre as manifestações do <i>bullying</i> no ambiente escolar e as estratégias para enfrentá-lo.	FRIAS, Denise de Medeiros.	2022 Dissertação/ Universidade do Estado do Rio de Janeiro.	https://sucupira.CAPES.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=11955803

Fonte: Da autora (2023).

Cabe destacar que, além das 14 dissertações selecionadas no Quadro 7, foram encontradas outras dissertações a respeito do *bullying*, mas com foco em áreas como Saúde, Psicologia, Enfermagem, Ciências Sociais, Saúde Coletiva, Psiquiatria e Psicologia Médica, Estado e Sociedade, Letras, Odontologia, Economia, dentre outras temáticas, tratando de assuntos diversificados como violência escolar, educação inclusiva, filosofia clínica e *bullying*, *bullying* e homofobia, *bullying* LGBTQIfóbico, leitura, escrita e *bullying*, abuso infantil, violação dos direitos humanos, sexualidade, narrativas de professor, clima escolar, entre outros. Nesse sentido, é possível perceber que o tema *bullying* tem sido abordado em diferentes áreas do conhecimento, o que mostra que se trata de um assunto bastante polissêmico, isto é, não pertence somente a uma área ou a uma abordagem teórica.

4.2 Os rastreamentos e arquivamentos temáticos

A partir das 14 dissertações rastreadas e arquivadas, partiu-se para o segundo procedimento que se refere ao refinamento da investigação. Esta segunda etapa exigiu um olhar mais atento aos dados de cada dissertação, tais como resumos, palavras-chave, referenciais citados, temáticas abordadas em relação ao *bullying* na escola. Num primeiro arquivamento, destacaram-se as palavras-chave utilizadas em cada uma das dissertações, conforme demonstrado no Quadro 8.

Quadro 8 – Palavras-chave dos resumos das catorze (14) dissertações

	Palavras-chave
A	- <i>Bullying</i> . -Preconceito. -Tolerância. -Orientação Educacional.
B	- <i>Bullying</i> . -Violência Escolar. -Sociologia do Desvio.
C	-Vitimização entre pares. -Violência escolar. - Desenvolvimento Humano.
D	- <i>Bullying</i> . -Violência escolar. -Formação de professores.
E	- <i>Bullying</i> . -Prevenção. -Intervenção. -Ensino Fundamental
F	- <i>Bullying</i> . -Altas habilidades. -Mitos da superdotação.
G	-Ensino. -Intimidação Sistemática. -Estudos Cotidianos.
H	- <i>Bullying</i> . -Direitos Humanos. -Ensino Médio -Protagonismo Juvenil.
I	- <i>Bullying</i> . -Ensino. -Ciências.
J	-Violência Escolar. - <i>Bullying</i> . -Intimidação. -Ensino Fundamental II.
K	- <i>Bullying</i> . - <i>Cyberbullying</i> . -Protagonismo jovem. -Aplicativo.
L	- <i>Bullying</i> . -Agir comunicativo. -Espaço público. -Formação da identidade.
M	-Ensino. -Ambiente Escolar. -Rede Estadual. -Rede Municipal. - <i>Bullying</i> no Contexto Escolar.
N	- <i>Bullying</i> . -Escola. -Violência. -Narrativas de Memórias.

Fonte: Da autora (2023).

Nesses novos rastreamentos, buscou-se olhar para o que se repetia nas dissertações, as suas aproximações e diferenciações. No primeiro momento, buscou-se verificar com quais temáticas o *bullying* estava associado nessas dissertações.

Conforme o quadro abaixo, as palavras-chave recorrentes foram: violência escolar, *bullying* e ensino.

Quadro 9 – Mapeamento das dissertações a partir das palavras-chave

Palavras-chave	Resultados encontrados
Violência Escolar	05
<i>Bullying.</i>	12
Ensino	05

Fonte: Da autora (2023).

As palavras-chave foram encontradas nos resumos das catorze dissertações, nas quais a expressão *bullying* foi a mais mencionada, seguida da violência escolar e do ensino. Dessa forma, foram evidenciadas apenas as palavras-chave que foram mencionadas em mais de um resumo e eliminadas aquelas que apenas estavam presentes num resumo.

Outro rastreamento foi feito a fim de apurar a temática que os autores usavam como referências nessas catorze (14) dissertações. Nesse rastreamento, apenas foram selecionados os autores relacionados ao tema *bullying*, mesmo que outros autores tenham sido usados para o desenvolvimento do aporte teórico-metodológico das dissertações referidas. Foram destacadas somente as referências que apareceram em mais de uma dissertação e eliminadas as que somente constavam num trabalho. Para tal feito, foi necessário pesquisar os textos das dissertações e as referências bibliográficas e não somente os resumos, que, muitas vezes, não mencionavam as referências utilizadas.

Quadro 10 – Rastreamento das dissertações com o tema *bullying*

Nome do autor de referência	Resultados encontrados
Cléo Fante.	05
Aramis Antônio Lopes Neto.	05
Miriam Abramovay.	02
Dan Olweus.	03
Luciene Regina Paulino Tognetta e Telma Pileggi Vinha.	03
Aramis Antônio Lopes Neto e Lúcia Helena Saavedra.	03
Marilena Chauí.	02
Marília Pontes Sposito.	02
Luciene Regina Paulino Tognetta.	03
Carolina Saraiva de Macedo Lisboa, Luiza de Lima Braga e Guilherme Ebert.	03
Alessandro Constantini.	02
Ana Beatriz Barbosa Silva	03
Marilena Ristum.	03
Christina Salmivalli.	03

Continua...

(Continuação)

Nome do autor de referência	Resultados encontrados
Deborah Carvalho Malta, Marta Angélica Iossi Silva, Flavia Carvalho Malta de Mello, Rosane Aparecida Monteiro, Luciana Monteiro Vasconcelos Sardinha, Claudio Creso, Mércia Gomes Oliveira de Carvalho, Marta Maria Alves da Silva e Denise Lopes Porto.	02
Adriano Severo Calbo, Fernanda de Bastani Busnello, Marcelo Montagner Rigoli, Luiziana Souto Schaefer e Christian Haag Kristensen.	02
Marcela Almeida Zequinão, Pâmella de Medeiros, Beatriz Pereira e Fernando Luiz Cardoso	03
Marie-Nathalie Beaudoin e Maureen Taylor.	02
Cíntia Santana e Silva e Bruno Lazzarotti Diniz Costa.	02
Priscilla Linhares Albino e Marlos Gonçalves Terêncio	02
Cláudia de Moraes Bandeira e Claudio Simon Hutz	03

Fonte: Da autora (2023).

Percebe-se que há um número vasto de referências citadas que abordam o tema *bullying*. Nas catorze (14) dissertações, encontramos 21 autores citados, todos eles recorrentes em mais de uma dissertação. Observa-se também que os autores são de renome nacional e internacional, conhecidos no meio acadêmico educacional. Os mais citados foram: Fante (2011), Lopes Neto (2011), Lopes Neto e Saavedra (2004), Olweus (1993), Tognetta (2005), Silva (2015), Ristum (2010), Salmivalli (1999), Bandeira e Hutz (2012), dentre outros. É importante ressaltar que todos esses autores são citados nas catorze dissertações na área de Ensino. A seguir, no Quadro 11, as datas de defesa, os títulos e os objetivos de cada dissertação.

Quadro 11 – Apresentação dos trabalhos de acordo com data de defesa, título e objetivo

	Datas de defesa	Títulos	Objetivos
A	11/11/2016	“Nem sempre o adulto resolve...”: o serviço de orientação educacional e as práticas de <i>bullying</i> no primeiro segmento do ensino fundamental.	Analisou de forma crítica a realidade de <i>bullying</i> apresentada em uma instituição de primeiro segmento do ensino fundamental, na qual serão expostas as percepções sobre o <i>bullying</i> de uma parcela representativa da comunidade escolar e quais as estratégias realizadas (e as novas propostas possíveis) pela escola pesquisada, em especial, pelo seu setor de orientação educacional, para o enfrentamento e a prevenção do <i>bullying</i> .
B	01/09/2017	<i>Bullying</i> : a percepção dos praticantes.	Investigou as racionalidades dos sujeitos considerados praticantes de <i>bullying</i> através das suas oralidades, sob a ótica da ‘sociologia do desvio’ ³ .

Continua...

³ Perspectiva de análise social focada em um grupo específico, poderoso e dominante, cria padrões e expectativas de comportamento, rotulando como desviante parcela da população que não segue esse ideal. A sociedade está dividida em dominantes e desviantes (Becker, 2008).

(Continuação)

	Datas de defesa	Títulos	Objetivos
C	03/08/2017	O <i>bullying</i> segundo a percepção de estudantes do quinto ano no ensino fundamental.	Conheceu como os estudantes do 5º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública, na cidade de Curitiba, estado do Paraná, concebem o <i>bullying</i> em seu cotidiano escolar.
D	28/02/2018	<i>Bullying</i> e educação: uma análise da produção científica disponível no banco de teses e dissertações da CAPES (2014-2016).	Identificou estudos no banco de teses e dissertações da CAPES que trouxessem em seu contexto reflexões sobre <i>bullying</i> e educação, de modo a buscarmos contribuições de pesquisas recentes para instrumentalizar os profissionais de ensino para o enfrentamento desse problema nas escolas.
E	20/12/2018	Reconhecer, prevenir e combater o <i>bullying</i> no Ensino Fundamental: proposta de um projeto de intervenção.	Investigou como ocorre o <i>bullying</i> entre pares no ensino fundamental, além de tentar promover sensibilização, conscientização e melhora das relações interpessoais a partir do desenvolvimento do projeto de intervenção.
F	10/08/2018	As interfaces entre a superdotação e o <i>bullying</i> no contexto escolar.	Analisou as interfaces entre a superdotação e o <i>bullying</i> , dentro do contexto escolar, partindo da hipótese de que mitos e preconceitos em torno das altas habilidades contribuíram para que a pessoa superdotada se envolvesse em comportamento de <i>bullying</i> .
G	15/02/2019	Violência escolar, <i>bullying</i> e violação de direitos humanos no cotidiano escolar.	Investigou a violência escolar materializada por meio do <i>bullying</i> e a violação de direitos humanos no cotidiano da escola.
H	17/12/2020	Prevenção e combate ao <i>bullying</i> no contexto escolar com ações de protagonismo juvenil.	Investigou e diagnosticou as formas de violência escolar que ocasionaram a violação dos Direitos Humanos e a prática do <i>Bullying</i> no contexto escolar envolvendo alunos do ensino médio, e elucidar as possíveis ações ao combate do <i>bullying</i> , a partir do 'protagonismo juvenil' ⁴ .
I	20/02/2020	Corporeidade, sexualidade e <i>bullying</i> no ensino de ciências naturais.	Investigou como o professor de Ciências Naturais compreendeu questões de <i>bullying</i> relativas à corporeidade e à sexualidade no oitavo ano do ensino fundamental.
J	27/03/2020	A percepção de elementos constituintes do <i>bullying</i> a partir de situações de intimidação na escola.	Analisou a percepção sobre a ocorrência de situações de <i>bullying</i> /intimidação e conflitos entre 247 alunos do 7º ao 9º ano de uma escola estadual do interior paulista, a fim de verificar se existiram situações de conflitos entre os alunos, bem como suas relações com casos de intimidação que acometeram o ambiente escolar, com base na satisfação dos estudantes com relação ao vínculo que possuíam com os colegas.
K	16/12/2021	Protagonismo jovem – criação e gestão de conteúdo do aplicativo “viva feliz: <i>bullying</i> não!	Compreendeu o protagonismo jovem nas atividades de criação de um aplicativo de combate ao <i>bullying</i> .

Continua...

⁴ Mônica Rei Moreira Freire (coord.) aponta que o protagonismo juvenil é uma forma de reconhecer que a participação dos adolescentes pode gerar mudanças decisivas na realidade social, ambiental, cultural e política onde estão inseridos (Freire, 2022).

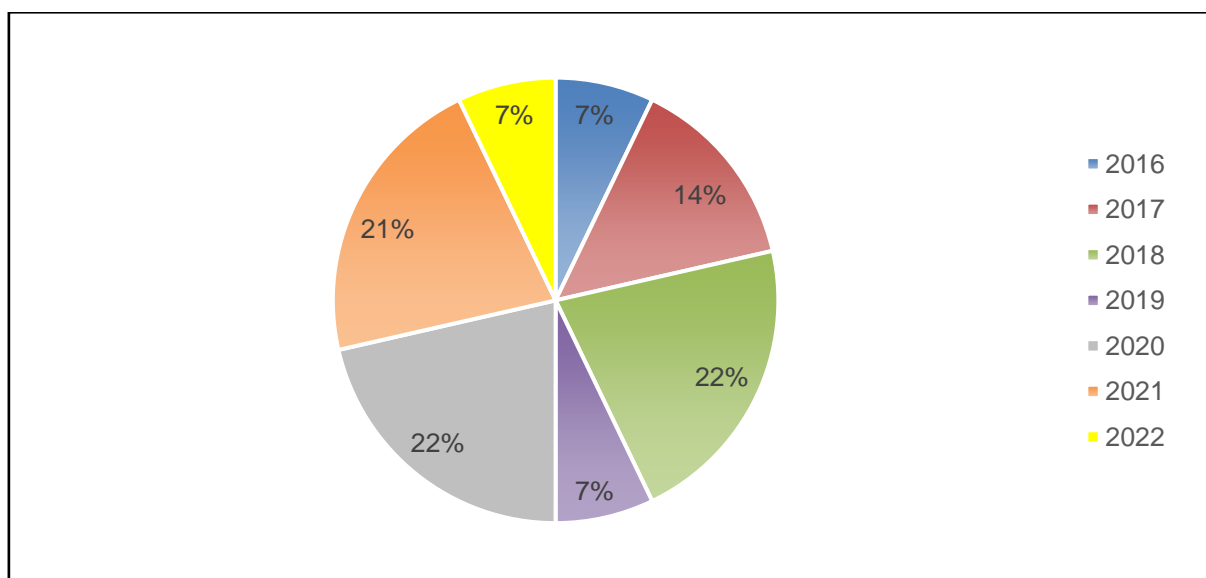
(Continuação)

	Datas de defesa	Titulos	Objetivos
L	21/10/2021	<i>Bullying</i> e a solução de problemas morais-práticos pelo agir comunicativo no mundo da vida escolar.	Averiguou se as existências de espaços públicos comunicativos no mundo da vida escolar podem contribuir para a solução de problemas morais-práticos, como o <i>bullying</i> escolar, assim, propusemos compreender como ações comunicativas no mundo da vida escolar podem contribuir para a solução de problemas relacionados ao <i>bullying</i> e para o desenvolvimento da autonomia.
M	19/11/2021	<i>Bullying</i> no contexto escolar: uma análise diagnóstica nas redes estaduais e municipais de Mato Grosso.	Investigou as precípuas divergências, convergências e variáveis nos casos de <i>bullying</i> em escolas municipais e estaduais, para compreender como a prática dessa violência tem se apresentado no contexto de quatro escolas específicas de Mato Grosso, sendo três da rede estadual e uma da rede municipal de ensino.
N	13/07/2022	Percepções de estudantes e ex-estudantes da educação básica sobre as manifestações do <i>bullying</i> no ambiente escolar e as estratégias para enfrentá-lo.	Analisou com estudantes e ex-estudantes da Educação Básica, de escolas públicas e privadas, de épocas, locais e contextos distintos, as manifestações do <i>bullying</i> no ambiente escolar.

Fonte: Da autora (2024).

Conforme o ano de defesa, os trabalhos acadêmicos seguem essa sequência de classificação: uma de 2016; duas de 2017; três de 2018; uma de 2019; três de 2020; três de 2021 e uma de 2022, como pode ser visto no gráfico abaixo.

Gráfico 1 – Dissertações distribuídas por ano de defesa



Fonte: Da autora (2024).

De acordo com o gráfico 1, percebemos que nos anos 2018, 2020 e 2021 houve um maior número de trabalhos dissertativos referentes ao *bullying* na área de Ensino.

Após a leitura e a verificação dos objetivos, foram extraídos elementos comuns nesses objetivos, divididos em cinco grupos por aproximações:

Grupo 1 – Concepção a respeito do *bullying* – dissertações A, B, C, J, K, L, M e N;

Estas pesquisas tiveram como propósito compreender a percepção dos praticantes do *bullying* em relação às suas práticas, as situações de intimidação na escola, conflitos, protagonismo jovem, questões morais-práticas e as táticas para lidar com as manifestações de *bullying*.

Grupo 2 – Reflexões sobre *bullying* e educação – dissertação D;

O objetivo dessa dissertação foi provocar uma reflexão sobre o *bullying* e a educação, destacando as contribuições da pesquisa encontrada no banco de teses e dissertações da Capes.

Grupo 3 – Relações interpessoais a partir do projeto de intervenção – dissertação E;

O propósito dessa dissertação foi aprimorar as relações interpessoais por meio de um projeto de intervenção.

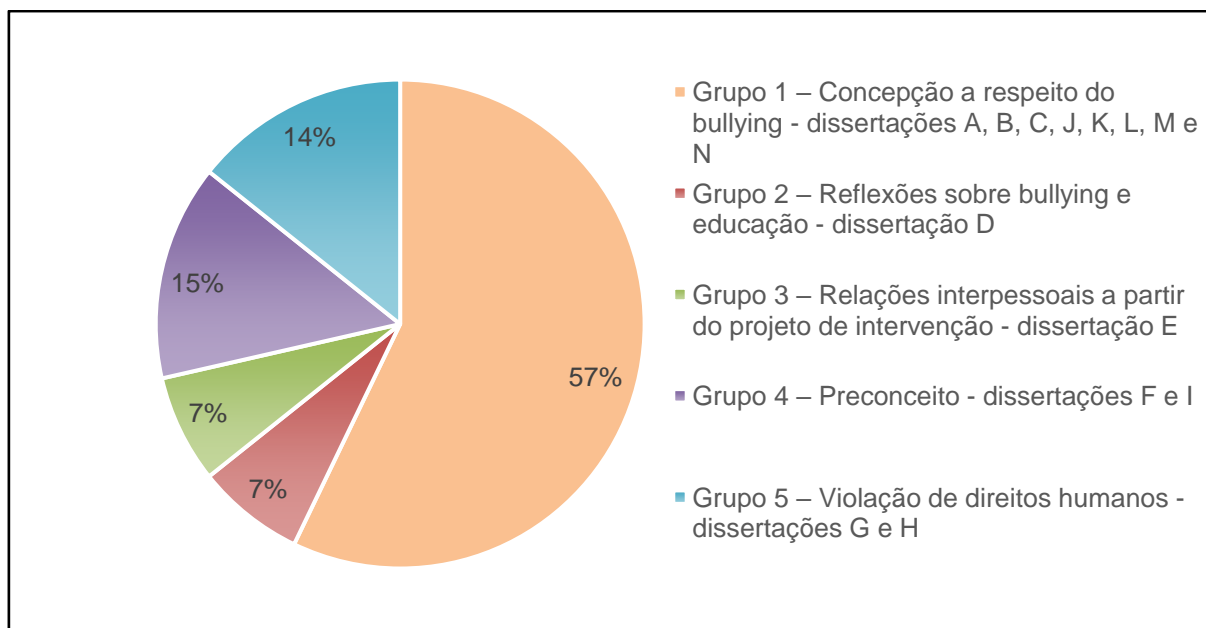
Grupo 4 – Preconceito – dissertações F e I;

Essas pesquisas evidenciaram que há preconceito em relação à superdotação, o que contribuiu para que os alunos com superdotação se envolvessem em atitudes de *bullying*. Além disso, envolveu questões de *bullying* sobre a corporeidade e a sexualidade no oitavo ano.

Grupo 5 – Violação de direitos humanos – dissertações G e H.

Os objetivos dessas dissertações foram investigar a violência dos direitos humanos, ou seja, a violência psicológica/*bullying*, bem como a prática de *bullying* no ambiente escolar.

Gráfico 2 – Distribuições dos grupos de acordo com os objetivos



Fonte: Da autora (2024).

4.3 Análise dos achados

Após os rastreamentos e os arquivamentos iniciais, que caracterizam as primeiras aproximações com o material, os rastreamentos e arquivamentos temáticos, que exigem um olhar mais refinado e atento para as produções e permitem que se busquem as semelhanças entre os trabalhos, chega-se ao terceiro procedimento, que diz respeito a uma análise mais apurada dos materiais investigados. Para esse procedimento analítico, foi necessária a leitura de cada dissertação, bem como o destaque das especificidades de cada produção.

Vale destacar que mereceram maior destaque o resumo, a introdução e a metodologia de cada dissertação, que foram lidos e analisados muitas vezes. Também cabe mencionar que não interessa para essa pesquisa, apresentar o conteúdo de cada dissertação analisada, mas a análise feita a partir das leituras realizadas, sobretudo, no que diz respeito às suas aproximações, pontos fortes, a abordagem da temática acerca do *bullying* no ambiente escolar e as aproximações concernentes nessas dissertações. Cumpre ressaltar que não recorreremos a nenhum tipo de contribuição da tecnologia para a efetivação das análises dessas dissertações que foram pesquisadas no Catálogo de Teses e Dissertações *Stricto Sensu* de Pós-

Graduação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Sendo assim, a leitura das catorze (14) dissertações selecionadas resultou nas seguintes dimensões de análises: o modo como é caracterizado o *bullying* entre os autores/agressores, o modo como é caracterizado o *bullying* entre as vítimas/alvos, violência de forma velada/sem motivação, efeitos do *bullying* na relação entre pares, sentimentos das vítimas que sofrem *bullying*, sentimentos dos agressores ao praticarem *bullying*, tipos de *bullying* mais prevalentes, preconceito no ambiente escolar como gerador de *bullying* e espectadores de *bullying*.

É preciso considerar, entretanto, que estas dimensões de análises foram criadas ao longo da leitura de cada uma das catorze dissertações, tendo em vista a temática das mesmas, disponíveis no banco de dados da CAPES, na área de Ensino.

4.3.1 Modo como é caracterizado o *bullying* entre os autores/agressores

Na dissertação A, **Martins** (2016) apontou que, de acordo com os participantes, o *bullying* é definido como uma situação de agressão (verbal, física e/ou emocional), que ocorre repetidamente contra um ou mais colegas. Esta é uma das características mencionadas pelo autor do *bullying*. Estes achados corroboram a literatura de Ristum (2010), ao afirmar que, geralmente, o *bullying* é definido como abuso físico ou psicológico entre pares. Contribuindo com esta linha de pesquisa, Fante e Pedra (2008) afirmam que a maioria dos espectadores fica engessada ante a violência, sendo acometida por uma espécie de inércia social e indiferença ao sofrimento do outro. Estes dados corroboram a literatura de Cremer (2015), que enfatiza que é “importante notar que sempre há uma assimetria de poder entre agressor e vítima”, que pode estar relacionada à diferença de idade, ao físico, entre outras características.

Na dissertação B, **Reis** (2017) esclareceu que, de acordo com a investigação, o *bullying* é um fenômeno transitório que é inversamente proporcional à idade e é mais comum no sexto e no sétimo ano entre ambos os sexos. Tais achados se aproximam dos encontrados por Middleton-Moz e Zawadski (2007), ao afirmarem que prevenir o *bullying* no ambiente escolar de crianças e adolescentes não é uma tarefa fácil,

principalmente, quando o *bullying* inicia no primeiro ciclo do ensino fundamental em que a criança está matriculada. Estes achados também são explicados pela literatura de Freire e Aires (2012), que aludem ser necessário pensar o *bullying* escolar como um fenômeno social, em que as formas de prevenção e de enfrentamento devem estar totalmente integradas ao contexto em que ocorrem, incluindo medidas preventivas e psicopedagógicas que levem em consideração aspectos sociais, psicológicos e econômicos.

Na dissertação C, **Monteiro** (2017), em sua análise, explicou algumas características físicas e emocionais dos autores do *bullying*. Segundo o autor, os meninos praticam mais, enquanto as meninas sofrem mais as agressões e já têm uma ideia do fenômeno no ambiente escolar. Estes dados são reforçados pela literatura de Lopes Neto (2005), ao ressaltar que a escola é de grande significância para as crianças e adolescentes. Os que não gostam dela, apresentam maior probabilidade de ter resultados de desempenho abaixo do esperado, em função dos problemas físicos e emocionais que afetam sua saúde ou sentimentos de insatisfação com a vida. Para contribuir com a discussão, Olweus (1997) aponta que o conhecimento dos alunos sobre o *bullying* se aproxima do que é descrito na literatura, isto é, existem três elementos indispensáveis que definem o comportamento de *bullying*: intenção, repetição e desequilíbrio de poder.

Na dissertação E, **Teixeira** (2018) menciona que, segundo os participantes da investigação, o *bullying* é caracterizado pelo contato físico, por fofocas, moral e rumores. Estes dados se aproximam dos presentes na literatura de Kim (2013), ao apontar que a forma de *bullying* que recebe mais atenção da escola e de familiares é o *bullying* físico. Corroborando, Medeiros (2012) reitera que o *bullying* físico se configura pela natureza física dos ataques [...] e pelas marcas deixadas no corpo, que é a forma mais visível desta prática. Estes achados são explicados por Bandeira (2009), ao afirmar que o *bullying* físico possui uma característica que, muitas vezes, pode passar despercebida pelos adultos que convivem com os adolescentes, tanto na escola, quanto na família.

Na dissertação F, **Silva** (2018) verificou que algumas características da superdotação podem ajudar o superdotado quanto aos efeitos do *bullying* em relação às áreas de dotação, o que pode impactar a forma como o superdotado atua quando comete agressões, quando exerce o papel de agressor. A literatura de Maciel (2012) em relação aos alunos com Altas Habilidades corrobora esses achados, ao afirmar

que Habilidades/Superdotação (AH/SD), muitas vezes, não são identificados e, conseqüentemente, não são reconhecidos, tampouco, seus potenciais são valorizados, especialmente, no ambiente escolar. Esses dados corroboram os de Brasil (1995), no que diz respeito ao fato de que esses alunos não apresentam necessariamente excelente desempenho escolar, podendo haver discrepância entre seu potencial e o seu desempenho escolar.

Na dissertação L, **Oliveira** (2021) identificou que 65% dos sujeitos/alunos afirmaram ter presenciado situações de *bullying* entre os demais colegas. Ao questionar onde esses conflitos normalmente ocorriam, todos apontaram o local do pátio da escola, no horário do recreio. Os dados deste estudo corroboram os encontrados por Santos e Kienen (2014), para quem 59% dos participantes da pesquisa afirmaram ter presenciado comportamentos de *bullying* entre colegas, frequentemente (várias vezes ao dia, quase todos os dias, quase todas as semanas), sendo o pátio da escola, em 67% dos casos, o local onde esses comportamentos agressivos aconteceram. Os resultados deste estudo concernentes ao local das agressões de *bullying* destoam do estudo realizado pela ABRAPIA (*apud* Fante, 2005), que investigou as características dos atos de *bullying* entre 5.000 alunos do 6º ao 9º, cujos resultados apontaram que o *bullying* ocorreu mais frequentemente dentro das salas de aula, em 60,02% dos casos, e durante o recreio, em 16,01%.

Na dissertação K, **Rosário** (2021) investigou a importância do jovem como protagonista no combate à prática do *bullying*. Assim sendo, segundo a autora, a escola deve ter como objetivo conscientizar os alunos dos seus direitos e deveres, oferecendo-lhes oportunidades para que participem ativamente das decisões de seu meio. Os achados deste estudo corroboram os encontrados por Assis (2010), que esclarece que, das diversas formas de violência entre alunos, o *bullying* é, atualmente, o que mais vem preocupando os profissionais da escola e também os pais. No mesmo sentido, Carli *et al.* (2018) complementam reforçando a necessidade de a escola tornar-se protagonista das ações para prevenir tal fenômeno na perspectiva de articular o envolvimento de todos, em especial, dos órgãos colegiados da escola, que tem a oportunidade de discutir, refletir conjuntamente e tomar as decisões emancipatórias neste campo, com o devido apoio e envolvimento da comunidade extraescolar.

Na dissertação N, **Frias** (2022) investigou e analisou as manifestações de *bullying* no ambiente escolar com estudantes e ex-estudantes da Educação Básica,

de escolas públicas e privadas, de épocas, locais e contextos distintos. Esses dados reforçam a literatura de Franco (2020), que afirma que o *bullying* perpassa todas as gerações escolares, desde a educação infantil até a universidade, bem como está presente em todas as escolas, independentemente de classe social, gênero, raça, entre outros fatores. Na mesma direção, Fante (2005) adverte que, embora o *bullying* aconteça em muitos contextos onde há a interação entre indivíduos, o fenômeno tem origem principalmente no ambiente escolar, onde se manifesta de forma mais séria. Tais achados se aproximam dos encontrados por Lima (2021), ao complementar que o *bullying*, independentemente do papel (autor, vítima e/ou testemunha) e da faixa etária dos envolvidos neste fenômeno, traz consequências que interferem em qualquer fase da vida.

4.3.2 Modo como é caracterizado o *bullying* entre as vítimas/alvos

Na dissertação A, **Martins** (2016) identificou que os alvos de *bullying* geralmente apresentavam características relacionadas à fraqueza e à fragilidade, depressão, timidez, baixa autoestima, isolamento, dentre outros. Os dados deste estudo corroboram os encontrados por Silva (2015), Fante (2011), Fante e Pedra (2008), que dizem ser possível deduzir que os alunos que apresentam essas características comportamentais, preexistentes, sinalizam que são presas fáceis aos ataques dos agressores de *bullying*, pois fazem parte de um grupo que se encontra em situação de vulnerabilidade. A não superação desse trauma poderá desencadear processos potencialmente prejudiciais ao desenvolvimento do sistema psíquico. Estes dados são reforçados por Fante (2011), ao apontar que o trauma gerado pelo *bullying* impacta o seu comportamento e a construção dos seus pensamentos, afeta sua inteligência e gera emoções negativas, como desejo de vingança, dificuldade na aprendizagem e diminuição do rendimento escolar.

Na dissertação G, **Silva** (2019) sinalizou que foram identificados marcadores sociais específicos que contribuíram para as diferenças e formaram a identidade dos estudantes. Essas diferenças desencadearam algumas atitudes agressivas nas relações escolares, que causaram sofrimento em estudantes vítimas de violência física e psíquica, materializada pelo *bullying*. Estes dados se aproximam dos

encontrados por Miranda e Lima (2019), para quem os marcadores sociais, uma vez que são responsáveis por determinar socializações e sociabilidades, podem incluir ou excluir indivíduos e grupos, especialmente, nas relações interpessoais estabelecidas pelos estudantes, no ambiente escolar.

Na dissertação B, **Reis** (2017) trata da adesão a desvios como indisciplinas e agressões físicas entre alunos, por meio de comportamentos considerados impróprios. Seus achados se aproximam dos encontrados por Brito (2014, *apud* Reis *et al.*, 2020), com relação ao comportamento desviante dos casos de *bullying* que estão em exposição na mídia reforçando a ideia de que é uma prática comum em todas as escolas, onde todos os estudantes podem ser vítimas ou agressores. Da mesma forma, os dados também se aproximam da literatura de Dias (2013) e de Ristum (2010), mostrando que a falta de disciplina do agressor afeta as relações entre os pares. A escola é um espaço social onde a maioria dos alunos faz amigos. A falta de controle dos impulsos leva à agressão verbal, que ocorre tanto na sala de aula quanto nos corredores, pátios, bibliotecas e no recreio.

Na dissertação H, **Grecco** (2020) demonstrou que, de acordo com os resultados obtidos, o maior percentual de estudantes vítimas de violação de seus direitos no ambiente escolar se concentra na escola particular, sendo o maior percentual de vítimas do sexo masculino. Silva (2006) complementa afirmando que os estudos existentes sobre *bullying*, tanto no Brasil quanto em outros países, indicam que os meninos, com uma frequência muito maior, estão mais envolvidos com o fenômeno, tanto como agressores, quanto como vítimas.

4.3.3 Violência de forma velada/sem motivação

Na dissertação I, **Silva** (2020) expõe que a violência escolar, ainda que seja velada, silenciosa, acarreta danos à alma, ao corpo e ao espírito. Quando não é tratada, causa danos irreversíveis a todos os envolvidos: à vítima, ao agressor-vítima, ao agressor e ao espectador. Contribuindo com esse pensamento, Medeiros (2012) esclarece que o *bullying* se apresenta como um fenômeno complexo, que inclui tanto traços evidentes de violência explícita, quanto manifestações comportamentais de forma anônima, velada e repetitiva. Esse pensamento é corroborado por Teixeira

(2013) ao complementar que o *bullying* indireto envolve atos escondidos e velados, em que o agressor ataca sua vítima de forma subconsciente.

4.3.4 Efeitos do *bullying* na relação entre pares

Na dissertação F, **Silva** (2018) salientou, de acordo com a investigação, que os superdotados podem ser vítimas, agressores ou vítimas passivas de *bullying*, o que reforça os argumentos de Dalosto (2011), ao argumentar que essas características singulares expõem esses alunos ao *bullying*, tornando-os vulneráveis a essa prática, e que é importante que a escola oriente e sensibilize a comunidade escolar a respeito das características do aluno superdotado, seu desenvolvimento e necessidades cognitivas, emocionais e sociais. Contribuindo com a ideia, Maciel (2012) entende que o comportamento de isolamento ou a dificuldade de relacionamento podem acontecer em razão da maturidade intelectual precoce de alunos com características de altas habilidades/superdotação (AH/SD).

Na dissertação J, **Ferreira** (2020) menciona que o resultado da investigação mostrou que a maioria dos alunos sofre frequentemente situações de agressão, como ameaças, zoações, apelidos, dentre outros. Esses dados se aproximam dos encontrados por Silva (2006), cujo estudo evidenciou que o hábito de colocar apelido é a forma de *bullying* mais frequente. Entre os 397 estudantes, 76,07% reconheceram que já colocaram apelido em colegas; 78,84% disseram que já receberam algum apelido, enquanto 92,44% afirmaram já ter presenciado um colega colocar apelido no outro.

4.3.5 Sentimentos das vítimas que sofrem *bullying*

Na dissertação D, **Pires** (2018) constatou que o *bullying* é um fenômeno escolar preocupante, cuja incidência está aumentando e ampliando suas consequências na vida dos alunos, especialmente, na educação básica: *bullying*. Os sentimentos provocados pelas ações de *bullying* sobre a pessoa alvo, deixam os vitimizados com

raiva, medo, entre outros sentimentos, o que corrobora a literatura de Araújo *et al.* (2012), que argumentam que a violência escolar pode ser vista como uma bagunça que afeta a vida do aluno e que é sustentada pelo abuso de poder e pela falta de educação e de respeito pelo outro. Nesse sentido, Silva e Araújo (2016) afirmam que a vítima de *bullying* desenvolve sentimentos intensos de medo e vergonha, torna-se mais vulnerável, tem a autoestima afetada, vivencia sentimentos de ansiedade, depressão, além da sensação de impotência.

Na dissertação E, **Teixeira** (2018) explicou que, da amostra pesquisada, a maior incidência de *bullying* foi o físico, que ocorreu nas turmas de 3º e 4º anos, enquanto, no 5º ano, foi o verbal. Ainda, a maior incidência ocorreu no recreio. Os achados deste estudo corroboram os encontrados por Zequinão *et al.* (2016), numa pesquisa com 409 crianças e adolescentes de ambos os sexos, com idades entre 8 e 16 anos, do 3º ao 5º ano, e da 4ª a 6ª série do ensino fundamental (média de idade entre 11 e 14 anos), de duas escolas públicas municipais da Grande Florianópolis sobre o *bullying*. Verificou-se que, embora a agressão verbal tenha sido mais frequentemente relatada entre ambos os sexos, a agressão indireta teve maior incidência nos relatos das meninas.

Na dissertação M, **Santos** (2021) analisou no processo de investigação que em todas as escolas pesquisadas, o *bullying* do tipo psicológico, geralmente está associado ao tipo moral e verbal, conforme os relatos dos participantes. Estes dados se aproximam do estudo realizado por Souza (2010), que analisou a violência no contexto escolar e suas consequências emocionais em alunos do 5º ano de uma escola pública da Grande São Paulo. Estes dados também corroboram a literatura de Souza e Moreira (2020), ao salientarem que a escola deve buscar trabalhar com sentimentos, comportamentos e valores, auxiliando os sujeitos/alunos a conhecerem novos horizontes e a buscar a transformação social, por meio da transformação pessoal.

4.3.6 Sentimentos dos agressores ao praticarem *bullying*

Na dissertação E, **Teixeira** (2018) ressaltou que o sentimento de satisfação de quem pratica os maus-tratos, entre os alunos do 3º, 4º e 5º anos, foi maior na turma

do 4º ano. Esta constatação é explicada por Lopes Neto (2005), que esclarece que o autor de *bullying* é tipicamente popular; tende a envolver-se numa variedade de comportamentos antissociais; são impulsivos; veem a agressão como uma qualidade; têm autoestima positiva [...]. Corroborando estes dados, Souza e Almeida (2011) complementam que, além dos agressores, existem os coagressores, que apesar de não se inserirem no papel de agressor principal, se amontoam na plateia, incentivam as brigas, zombam dos maus-tratos e ajudam a propagar os boatos sem se importar com os sentimentos da vítima.

4.3.7 Tipos de *bullying* mais prevalentes

Na dissertação E, **Teixeira** (2018), por meio de um projeto de intervenção, constatou que, no 3º e 4º anos, o tipo de *bullying* mais recorrente foi o físico, enquanto, no 5º ano, foi o *bullying* verbal. Estes achados se aproximam de um estudo realizado por Lamas, Freitas e Barbosa (2013), que contou com a participação de 443 estudantes do 4º ao 9º ano do Ensino Fundamental de 17 escolas públicas municipais. O resultado demonstrou que, dentre as formas de *bullying* sofridas pelas vítimas, a verbal foi a que mais se destacou, com um índice de 26,7%. A prevalência encontrada na presente pesquisa corrobora os achados de Bandeira (2009), numa pesquisa que contou com a participação de 465 alunos, crianças e adolescentes, do 4º ao 8º ano do ensino fundamental, de três escolas (duas públicas e uma privada) da cidade de Porto Alegre. O tipo de *bullying* mais utilizado por eles foi o verbal 70,7%, seguido do tipo físico 15,4%. Corroborando estes dados, Fante (2011) explica que, por volta do 3º e 4º anos, operam-se algumas mudanças no desencadeamento das condutas: os maus-tratos físicos associam-se a ameaças e chantagens, especialmente, contra alunos mais frágeis ou tímidos.

Já na dissertação M, **Santos** (2021), em sua pesquisa realizada com alunos do Ensino Médio (1º, 2º e 3º anos) e dos anos finais do Ensino Fundamental (8º ano), em quatro escolas, constatou que a agressão prevalente foi o *bullying* do tipo verbal. Estes achados são semelhantes aos dos pesquisadores Moura, Cruz e Quevedo (2011), em um estudo realizado com 1.075 alunos, do primeiro ao oitavo ano do ensino fundamental, de oito escolas públicas da cidade de Pelotas (RS), no qual constataram

que a prevalência de estudantes que sofreram *bullying* foi de 17,6%. Contribuindo com estes achados, Oliboni *et al.* (2019) relatam que, numa pesquisa realizada com sete escolas públicas municipais da cidade de Lages/SC, com a participação de 406 estudantes do 5º e do 9º ano do Ensino Fundamental, os resultados demonstraram que os apelidos e os xingamentos são os padrões de comportamento mais comuns vivenciados pelas vítimas, em 53,8% dos casos, e praticados pelos agressores, em 58,9% dos casos.

4.3.8 Preconceito no ambiente escolar como gerador de *bullying*

Na dissertação A, **Martins** (2016) mencionou, com base nas suas investigações, que certos estudantes apresentam algum tipo de preconceito, bem como, dificuldades de relacionamentos. Isto acontece, porque, geralmente, convivem em ambientes em que não são ouvidos nem respeitados. Sendo assim, reproduzem as práticas de *bullying* da forma como são tratados. Estes dados vão ao encontro da literatura de Beane (2010), ao explicar que o preconceito começa cedo na vida, cresce na ignorância e vai persistir, caso não for tratado. As crianças são as mais vulneráveis ao mal gerado pelo preconceito. Nesse sentido, discorrendo sobre a mesma questão, Enz, Eyng e Gisi (2013) explicam que a prática de colocar apelidos também está relacionada à existência de preconceitos que envolvem questões étnico-raciais, deficiências físicas e mentais e que a orientação sexual engloba aspectos como aparência física e atos pessoais que envolvem a maneira como a pessoa se veste, sua expressão facial, sua postura, movimentação, modo de falar, gestos, entre outros.

Na dissertação F, **Silva** (2018) apontou que os participantes afirmaram que existe algum tipo de preconceito contra quem tem altas habilidades. A figura do superdotado fraco fisicamente e antissocial apareceu três vezes na investigação. Contribuindo com esta linha de pesquisa, Rangini e Costa (2014) acreditam que as pessoas com habilidades ou superdotação são discriminadas e estigmatizadas por estarem acima da média em relação aos seus pares, na escola e na sociedade, onde deveriam ser respeitadas e valorizadas por sua condição. Esses dados são explicados por Dalosto (2011), que realizou um estudo com estudantes superdotados e com desempenho superior, que foram mais vulneráveis às agressões de *bullying*. O estudo

demonstrou que 22,9% dos informantes foram agredidos com socos, pontapés e empurrões, enquanto 19,5% dos participantes disseram que essas ocorrências aconteceram poucas vezes.

4.3.9 Espectadores de *bullying*

Na dissertação J, **Ferreira (2020)** verificou em sua investigação que 32% dos alunos presenciaram com frequência casos de agressão, maus-tratos, intimidação, dentre outros, por parte dos colegas da escola. Estes dados são esclarecidos pela literatura de Silva (2015), que dividiu os espectadores em dois grupos diferentes, ou seja, os espectadores passivos e os ativos. Os espectadores passivos adotam frequentemente essa postura por medo absoluto de se tornarem a próxima vítima. Os espectadores ativos que fazem parte do grupo, embora não participem ativamente dos ataques às vítimas, fornecem "apoio moral" aos agressores com risadas e palavras de incentivo. Não se envolvem diretamente, o que, de forma alguma, os impedem de gostar do que veem.

A seguir, no Quadro 12, as dimensões de análises com os resultados extraídos das discussões das dissertações, ou seja, uma síntese das dimensões analíticas que foram extraídas das leituras e das discussões das dissertações.

Quadro 12 – Dimensões de análises com base nos resultados extraídos das discussões das dissertações

Dimensões de Análises 1	de	Modo como é caracterizado o <i>bullying</i> entre os autores/agressores, em que estão inseridos os trabalhos dissertativos A, B, C, E, F, L, K e N.
Dimensões de Análises 2	de	Modo como é caracterizado o <i>bullying</i> entre as vítimas/alvos, em que estão inseridos os trabalhos dissertativos A, G, B e H.
Dimensão de Análise 3		Violência de forma velada/sem motivação, em que está inserido o trabalho dissertativo I.
Dimensões de Análises 4	de	Efeitos do <i>bullying</i> na relação entre pares, em que estão inseridos os trabalhos dissertativos F e J.
Dimensões de Análises 5	de	Sentimentos das vítimas que sofrem <i>bullying</i> , em que estão inseridos os trabalhos dissertativos D, E e M
Dimensão de Análise 6		Sentimentos dos agressores ao praticarem <i>bullying</i> , em que está inserido o trabalho dissertativo E.
Dimensões de Análises 7	de	Tipos de <i>bullying</i> mais prevalentes, em que estão inseridos os trabalhos dissertativos E e M.
Dimensões de Análises 8	de	Preconceito no ambiente escolar como gerador de <i>bullying</i> , em que estão inseridos os trabalhos dissertativos A e F.
Dimensão de Análise 9		Espectadores de <i>bullying</i> , em que está inserido o trabalho dissertativo J.

Fonte: Da autora (2024).

4.4 Discussão dos achados

Na dimensão de análise 1, ficou demonstrado que os autores/agressores tinham uma única preocupação na busca por obter poder e respeito, com o intuito de satisfazer uma necessidade pessoal diante do grupo. Dessa forma, eles eram vistos como pessoas fortes, temidas e respeitadas. Um outro dado importante revelado nesta pesquisa diz respeito aos motivos por que os sujeitos/estudantes cometem *bullying*, o que tem a ver com a falta de empatia deles e do grupo (espectadores). Os espectadores apoiam os agressores, que se sentem motivados para continuar praticando *bullying*. A pesquisa mostrou que 65% dos estudantes/entrevistados já haviam presenciado situações de conflitos entre os demais. Ao serem perguntados onde esses conflitos normalmente ocorriam, todos responderam que foi no pátio da escola, durante o recreio. Assim, é importante que os jovens estudantes sejam os protagonistas na luta contra o *bullying*, pois o fenômeno está se tornando prevalente nas salas de aula.

No que se refere à dimensão de análise 2, os resultados indicaram que as vítimas são tipicamente estudantes passivos, fisicamente fracos, têm poucos amigos, têm baixa autoestima, são desprezados pelos seus pares e são subservientes aos outros.

Em relação à dimensão de análise 3, ficou evidenciado que a violência escolar silenciosa/velada, também pode causar danos na alma e no espírito dos estudantes. Se não for tratada, pode prejudicar as relações entre agressores, vítimas, agressores/vítimas e espectadores. Foi enfatizado que ela pode causar danos irreparáveis a todos os envolvidos no processo.

Na dimensão de análise 4, a presente investigação apurou que vários atributos dos estudantes superdotados são capazes de contribuir para a sua capacidade de lidar com o sucesso e com as consequências do *bullying*, como, por exemplo, acolher uma atitude de mediação ao testemunhar uma situação de *bullying*. Dessa forma, o talento pode influenciar a forma como um estudante superdotado ataca quando se torna um agressor. O estudo demonstrou também que o *bullying* é considerado uma forma de violência entre pares e é motivo de preocupação em ambientes educacionais, porque impacta negativamente o desenvolvimento emocional dos estudantes.

Quanto à dimensão de análise 5, este estudo revelou que 90% dos estudantes do 3º ano sentiam-se mal ou tristes quando sofriam maus-tratos. Além disso, em todas as escolas pesquisadas, os relatos de *bullying* dos estudantes apontaram que o *bullying* psicológico foi o mais comum. Entretanto, os sentimentos ocasionados pelas ações de *bullying* sobre a pessoa alvo levam o vitimizado a sentir raiva, medo, baixa autoestima, entre outros tipos de sentimentos.

Na dimensão de análise 6, quanto aos sentimentos do agressor no momento do abuso, 50% dos entrevistados do quarto ano e 37% do quinto ano revelaram estar satisfeitos. Ou seja, considerando toda a amostra, 40% dos estudantes disseram que se sentem satisfeitos ao maltratarem outros colegas.

No que diz respeito à dimensão de análise 7, este estudo evidenciou que o *bullying* físico, no 3º ano, num percentual de 50%, foi caracterizado por agressões físicas, como empurrões, socos e chutes. O *bullying* moral foi definido como disseminação de boatos e fofocas, em 33% das respostas; já o *bullying* verbal foi descrito como insultos e apelidos, em 25% das situações. Além disso, o *bullying* físico e o *cyberbullying* foram considerados os tipos menos comuns de *bullying*. Já o *bullying* material foi citado em 61% dos casos, seguido do *bullying* psicológico, num percentual de 50%. Ficou demonstrado que, nas quatro escolas estudadas, o *bullying* verbal foi prevalente, caracterizado pelo uso de apelidos, seguido de palavras negativas, *bullying* baseados em características físicas, além de piadas de mau gosto.

No que se refere à dimensão de análise 8, ficou constatado, neste estudo, que alguns estudantes têm algum tipo de preconceito, bem como dificuldade de se relacionar com o outro. Um dos entrevistados afirmou que os agressores de *bullying* normalmente sofrem, porque moram em ambientes onde não são ouvidos nem respeitados; por isso, eles reproduzem as ações de *bullying* da mesma forma como são tratados em seus lares. Conforme foi relatado pelos participantes desse estudo, os apelidos pejorativos e ofensivos podem resultar em *bullying*, bem como foram observadas questões como preconceito, devido a algumas diferenças/características dos/as alunos/as, como "gordinho", "gordo", "cabelo duro". Todos os participantes entenderam o *bullying* como demonstração de preconceito. Também relataram que características como raça, cor da pele, formato corporal são motivos de comentários pejorativos, bem como de preconceito religioso e de orientação sexual.

No tocante à dimensão de análise 9, de acordo com o referido estudo, os espectadores podem agir como mediadores, intervindo quando a agressão está sendo

praticada, no sentido de dar apoio à vítima, ou, por outro lado, podem concordar em apoiar o agressor ou permanecer indiferentes durante o ato de manifestação do *bullying*. Na visão de alguns autores deste estudo, não se pode afirmar que os espectadores/observadores que não fazem nada para ajudar a vítima não tenham equilíbrio no sentido de ter senso de justiça, uma vez que podem ter tomado tal posicionamento, por medo ou receio de se tornarem as próximas vítimas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou abordar uma questão atual, cada vez mais presente nas escolas, conhecida como *bullying*. Para isso, formulou-se o seguinte problema de pesquisa: o que vem sendo produzido acerca do *bullying* no ambiente escolar, nas dissertações de mestrado da área de Ensino, no período entre 2016 e 2022 no Brasil? O objetivo geral consistiu em investigar, em dissertações de mestrado da área de Ensino, o que vem sendo produzido acerca do *bullying* no ambiente escolar.

Inicialmente, realizou-se uma revisão teórica acerca do *bullying*, com foco no *bullying* no ambiente escolar. Alguns autores, como Medeiros (2012) e Teixeira (2013), afirmam que o *bullying* é um fenômeno complexo, que inclui tanto traços evidentes de violência explícita, quanto manifestações comportamentais de forma velada/escondida e repetitiva. Em concordância, Silva (2019), Fante e Prudente (2015) acrescentam que o *bullying* difere em termos de suas características peculiares, como, por exemplo, intencionalidade, repetição e falta de motivação para justificar um comportamento agressivo.

No segundo momento, a investigação foi realizada junto ao Catálogo de Teses e Dissertações de Pós-Graduação *Stricto Sensu* da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), especialmente, nas dissertações de mestrado da área de Ensino, produzidas entre os anos de 2016 e 2022, já que não foram encontradas dissertações sobre o tema, em anos anteriores a 2016.

Nessa busca, na Base de Dados da CAPES, no período entre 2016 e 2022, foram encontradas 695 dissertações. Devido ao grande número e a diversidade de áreas abordadas, tais como Saúde, Psicologia, Enfermagem, Ciências Sociais, Saúde Coletiva, Psiquiatria e Psicologia Médica, Estado e Sociedade, Letras, Odontologia,

Economia, dentre outras áreas, foram necessários novos recortes. Além disso, os temas relacionados ao *bullying* apareceram de diversas formas, entre as quais, violência escolar, educação inclusiva, filosofia clínica e *bullying*, *bullying* e homofobia, *bullying* LGBTQIfóbico, leitura, escrita e *bullying*, abuso infantil, violação dos direitos humanos, sexualidade, narrativas de professor, clima escolar, dentre outros. Nesse sentido, foi possível perceber que o tema *bullying* tem sido abordado em diferentes áreas de conhecimento e relacionado a diferentes temáticas, o que demonstra que se trata de um assunto bastante polissêmico, isto é, não pertence somente a uma área, tema ou abordagem teórica.

No terceiro momento, foram selecionadas as dissertações que diziam respeito ao *bullying* no ambiente escolar, para analisar de que modo o *bullying* foi abordado nestes estudos. Nesta seleção, foram encontradas apenas catorze (14) dissertações na área de Ensino, das quais emergiram nove dimensões de análises: a) Modo como é caracterizado o *bullying* entre os autores/agressores; b) Modo como é caracterizado o *bullying* entre as vítimas/alvos; c) Violência de forma velada/sem motivação; d) Efeitos do *bullying* na relação entre pares; e) Sentimentos das vítimas que sofrem *bullying*; f) Sentimentos dos agressores ao praticarem *bullying*; g) Tipos de *bullying* mais prevalentes; h) Preconceito no ambiente escolar como gerador de *bullying*; i) Espectadores de *bullying*.

As dissertações de mestrado foram classificadas neste estudo como: A, B, C, D, E, F, G, H, I, J, K, L, M e N. Algumas aparecem em apenas uma dimensão de análise, pois tratam de forma mais específica do *bullying*. Outras se repetem em mais de uma dimensão de análise, pois abordam questões mais amplas ou desdobramentos de várias questões relacionadas ao *Bullying*.

A partir do estudo realizado e da análise das catorze dissertações de mestrado, é possível constatar que se trata de um fenômeno bastante recorrente no ambiente escolar. Também ficou evidente que há muitos estudos sobre o *bullying* sendo realizados em todo o mundo, mas ainda parecem insuficientes, visto que a incidência de *bullying* tem aumentado nas escolas. Além disso, as pesquisas mostraram que há diferentes entendimentos sobre o *bullying*, bem como, perspectivas teóricas que têm tentado compreender e se aprofundar nesse fenômeno. No que diz respeito ao espaço da escola, algumas pesquisas apontam ações pontuais que vêm sendo desenvolvidas para combater o *bullying*.

Referindo-se às ações pontuais, as mesmas podem ser implementadas através de uma estratégia que envolva as comunidades escolares com atividades que promovam o respeito à diversidade e a empatia. Sendo assim, a escola pode convidar psicólogos para ministrar palestras com o intuito de aprimorar a compreensão dos alunos sobre a importância das relações interpessoais, na perspectiva de prevenir o *bullying* no ambiente escolar. Consideramos que essas ações são exemplos práticos que podem ser incentivados na escola.

Por fim, pode-se concluir que, diante de uma temática tão desafiadora como o *bullying* no ambiente escolar, a presente pesquisa não teve como propósito encontrar respostas ou soluções para atenuar a incidência do *bullying*, mas buscar compreendê-lo em suas diferentes formas e complexidades. Sendo assim, acredita-se que esse estudo serve como ponto de partida para que outros estudos acerca do *bullying* continuem sendo desenvolvidos, sobretudo que abordem sobre o *bullying* no ambiente escolar.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam. **Violências nas Escolas**. Brasília, DF: UNESCO, 2003.

ALBINO, Priscilla Linhares; TERÊNCIO, Marlos Gonçalves. Considerações críticas sobre o fenômeno do *bullying*: do conceito ao combate e à prevenção. **Revista Eletrônica do CEAF**, Porto Alegre, v. 1, n. 2, fev./mai. 2012. Disponível em: https://www.mprs.mp.br/media/areas/biblioteca/arquivos/revista/edicao_02/vol1no2art4.pdf pdf. Acesso em: 19 nov. 2023.

APONTADOR. **Colégio Estadual Professora Anfrisia Santiago em Salvador, BA**. 2023. Disponível em: https://www.apontador.com.br/local/ba/salvador/escolas_publicas/29Q8JJ48/colégio_estadual_professora_anfrisia_santiago.htmlpdf. Acesso em: 20 mar. 2023.

ARAÚJO, Lidiane Silva; COUTINHO, Maria da Penha de Lima. MIRANDA, Rosane de Sousa. SARAIVA, Evelyn Rúbia de Albuquerque. Universo consensual de adolescentes acerca da violência escolar. **Psico-USF**, v. 17, p. 243-251, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psuf/a/ghr596WRnr7K886XxYWqNGr/#>. Acesso em: 06 fev. 2024.

ASSIS, Simone Gonçalves de (org.). Impactos da violência na escola: um diálogo com professores. Rio de Janeiro: **Ministério da Educação**/Editora FIOCRUZ, 2010. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/impactos_violencia_escola.pdf. Acesso em: 19 fev. 2024.

BAHIA. **Secretaria da Educação do Estado da Bahia**. Salvador, BA: Governo do Estado, 2023. Disponível em: <http://www.educacao.ba.gov.br/>. Acesso em: 20 mar. 2023.

BANDEIRA Cláudia de Moraes; HUTZ, Cláudio Simon. *Bullying*: prevalência, implicações e diferenças entre os gêneros. **Psicologia Escolar e Educacional**, [S.l.], v. 16, n. 1, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/NbpMpgSfMS3xnpddKdzCphp/?format=html#>. Acesso em: 15 fev. 2024.

BANDEIRA, Cláudia de Moraes. **Bullying**: autoestima e diferenças de gênero. 2009. 69f. Dissertação (Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/23014/000741093.pdf?sequen>. Acesso em: 16 fev. 2024.

BASSETE, Fernanda; HAIDAR, Daniel. Vítima de *bullying* na PB finge sequestro para chamar atenção. **Rede Globo**, Paraíba, 27 fev. 2008. Disponível em: <https://g1.globo.com/noticias/brasil/0,,mul3285065598,00vitima+de+bullying+na+pb+finge+sequestro+para+chamar+atencao+diz+policia.html>. Acesso em: 22 nov. 2023.

BEANE, Allan. **Proteja seu filho do bullying**. Tradução Debora Guimarães Isidoro. Rio de Janeiro: BestSeller, 2010.

BEAUDOIN, Marie-Nathalie; TAYLOR, Maureen. **Bullying e desrespeito**: como acabar com essa cultura na escola. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BECKER, Howard S. Outsiders. **Estudos de sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7573914/mod_resource/content/1/Outsiders%20estudos%20de%20sociologia%20do%20desvio%20%28Howard%20Saul%20Becker%29%20%28z-lib.org%29.pdf. Acesso em: 15 fev. 2024.

BORGES, Tatiana Andrade S. **Memórias do bullying**. Barueri-SP: Novo Século, 2015. (Talentos da Literatura Brasileira).

BORSA, Juliane Callegaro; PETRUCCI, Giovanna Wanderley; KOLLER, Sílvia Helena. A participação dos pais nas pesquisas sobre o *bullying* escolar. **Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, [S.l.], v. 19, n.1, p. 41-48, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/sfZQWCcy3Pn67C9MVR88VZK/?format=pdf>. Acesso em: 18 jan. 2024.

BRASIL. Lei nº 13.185, de 06 de novembro de 2015. **Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying)**. Brasília, DF: Presidência da República 2024. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-. Acesso em: 24 jun. 2023.

BRASIL. **Lei nº 14.811, de 12 de janeiro de 2024.** Institui medidas de proteção à criança e ao adolescente contra a violência nos estabelecimentos educacionais ou similares, prevê a Política Nacional de Prevenção e Combate ao Abuso e Exploração Sexual da Criança e do Adolescent. Brasília, DF: Presidência da República 2024. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/lei-n-14.811-de-12-de-janeiro-de-2024-537300944>. Acesso em: 15 jan. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Secretaria de Educação Especial Diretrizes gerais para o atendimento educacional aos alunos portadores de altas habilidades:** superdotação e talentos. Brasília: MEC/SEESP, 1995. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me002299.pdf>. Acesso em: 16 jan. 2024.

CALBO, Adriano Severo; BUSNELLO, Fernanda de Bastani; RIGOLI, Marcelo Montagner; SCHAEFER, Luiziana Souto; KRISTENSEN, Christian Haag. *Bullying na escola: comportamento agressivo, vitimização e conduta pró-social entre pares.* Artigo. **Contextos Clínicos**, [S.l.], v. 2, n. 2, 7380, jul./dez., 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S198334822009000200001. Acesso em: 28 jan. 2024.

CARLI, Iasmym Nascimento; BITA, Kamilla de Oliveira Ricardo; SACRAMENTO, Simone Teixeira; SCARTH, Paulo Roberto Nunes. *Bullying no ambiente escolar.* **Revista Espaço Acadêmico**, [S.l.], v. 05, n. 10, 2018. Disponível em: <https://multivix.edu.br/wp-content/uploads/2018/06/revista-espaco-academico-v05-n10-artigo-6.pdf>. Acesso em: 07 fev. 2024.

CARNEIRO, Francisquinha Galvão. **Bullying no contexto escolar:** reflexões sobre um sintoma social. 2020. 52f. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2020. Disponível em: <https://repositorio.pucgoias.edu.br/jspui/bitstream/123456789/1132/1/CB%20Monografia%20Francisquinha%20Galv%C3%A3o%20Carneiro.pdf>. Acesso em: 17 jan. 2024.

CATINI, Nilza. **Problematizando o “bullying” para a realidade brasileira.** 2004. 206f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2004. Disponível em: <https://www.conhecer.org.br/download/BULLYING/LEITURA%2013.pdf>. Acesso em: 24 dez. 2023.

CERQUEIRA, Caroline. Um a cada três adolescentes baianos dizem sofrer *bullying* na escola. **Jornal Correio 24horas**, 2022. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/bahia/um-a-cada-tres-adolescentes-baianos-dizem-sofrer-bullying-na-escola-0422>. Acesso em: 20 mar. 2023.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia.** 12. ed. São Paulo: Ática, 2002.

CONSTANTINI, Alessandro. **Bullying:** como combatê-lo? Tradução Eugênio Vinci de Moraes. São Paulo: Itália Nova, 2004.

CONSULADO-GERAL DO BRASIL EM TÓQUIO. **Manual para pais e responsáveis sobre como lidar com o "BULLYING/IJIME"**. Brasília, DF: MEC, 2014. Disponível em: https://www.gov.br/mre/pt-br/consulado-toquio/toquio-arquivos/livreto_ijime.pdf. Acesso em: 20 mar. 2024.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR - CAPES. **Catálogo de Teses e Dissertações**. Brasília, DF: MEC, 2023. Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>. Acesso em: 10 fev. 2023.

CREMER, Eduardo. "*Bullying*": a violência na escola contemporânea sob o enfoque da abordagem Gestáltica. **Revista IGT na Rede**, [S.l.], v. 12, nº 22, 2015. p. 111-195. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/igt/v12n22/v12n22a07.pdf>. Acesso em: 11 jan. 2024.

DAHLBERG, Linda; KRUG, Etienne. Violência: um problema global de saúde pública. **Ciência e Saúde Coletiva**, [S.l.], v. 11, p. 1163-1178, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/jGnr6ZsLtwkhvdkrdhpcdw/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 21 nov. 2022.

DALOSTO, Marcília de Moraes. **O aluno com altas habilidades/superdotação e o bullying**: manifestações, prevalência e impactos. 2011. 115f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2011. Disponível em: <https://bdtd.ucb.br:8443/jspui/bitstream/123456789/662/1/Marcilia%20de%20Moraes%20Dalosto.pdf>. Acesso em: 07 dez. 2023.

DIAS, Dulce Alexandra de Jesus. **Mediação de Comportamentos Desviantes em Meio Escolar**: um Estudo de Caso. 2013. 98f. Dissertação (Mestrado em Ciências Policiais) - Instituto Superior de Ciências Policiais e Segurança Interna, Lisboa, 2013. Disponível em: https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/17158/2/Tese_Final_DulceDias.pdf. Acesso em: 22 jan. 2024.

ENZ, Romilda Teodora; EYNG, Ana Maria; GISI, Maria Lourdes. Representações Sociais sobre *bullying* no cotidiano das escolas públicas de Educação básica. **Revista de Educação Pública**, Cuiabá, v. 22, n. 50, p. 785-808, 2013. Disponível em: [file:///C:/Users/pfofn/Downloads/1243-Texto%20do%20Artigo-3173-1-10-20130914%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/pfofn/Downloads/1243-Texto%20do%20Artigo-3173-1-10-20130914%20(1).pdf). Acesso em: 22 jan.2024.

FANTE, Cléo. **Fenômeno bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 6. ed. Campinas: Verus, 2011.

FANTE, Cleo; PEDRA, José Augusto. **Bullying escolar**: perguntas & respostas. Porto Alegre: Artmed, 2008.

FANTE, Cleo; PRUDENTE, Neemias Moretti (Orgs.). **Bullying em debate**. São Paulo: Paulinas, 2015. (Coleção pedagogia e educação)

FERREIRA, Julia Neves. **A percepção de elementos constituintes do *bullying* a partir de situações de intimidação na escola**. 2020. 106f. Dissertação (Mestrado em Ensino e Processos Formativos) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São José do Rio Preto, 2020. Disponível em: https://sucupira.CAPES.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=9351081. Acesso em: 19 dez. 2022.

FRANCO, Cassiana Gardini. **O *bullying* em publicações acadêmicas brasileiras nas bases de dados Scielo e CAPES entre 2008-2018**. 2020. 165f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2020. Disponível em: https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/12788/DISSERTA%C3%87%C3%83O%20CASSIANA_VERS%C3%83O%20FINAL_COM%20DOCUMENTA%C3%87%C3%83O.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 18 mai. 2024.

FREIRE, Alane Novais; AIRES, Januária Silva. A contribuição da psicologia escolar na prevenção e no enfrentamento do *Bullying*. **Psicol. Esc. Educ.**, Maringá, v. 16, n. 1, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/tvZ37DSGCbZNVQxnshq3DCs/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 11 jan. 2024.

FREIRE, Mônica Rei Moreira (Coord). **Protagonismo juvenil: O poder do jovem na transformação da sociedade**. Palmas: MPPA, 2022. Disponível em: <https://www2.mppa.mp.br/areas/institucional/cao/infancia/13-04-o-dia-do-jovem-e-o-protagonismo-juvenil.htm>. Acesso em: 29 abr. 2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

FRIAS, Denise de Medeiros. **Percepções de estudantes e ex-estudantes da educação básica sobre as manifestações do *bullying* no ambiente escolar e as estratégias para enfrentá-lo**. 2022. 155 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino em Educação Básica) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: https://sucupira.CAPES.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=11955803. Acesso em: 15 dez. 2022.

G1/TV GLOBO. 1 em cada 5 estudantes de 13 a 17 anos no MA já sofreu *bullying* na escola, aponta IBGE, 2010. **Rede Globo**, Maranhão, 19 set. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2021/09/10/1-em-cada-5-estudantes-no-maranhao-ja-sofreram-bullying-na-escola-aponta-ibge.ghtml>. Acesso em: 17 mar. 2023.

G1/TV GLOBO. Criança é amarrada e filmada por colegas em escola de Paracuru, na Grande Fortaleza. **Rede Globo**, Ceará, 17 jan. 2023b. Disponível em: <https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2023/01/17/crianca-tem-maos-e-pes-amarrados-por-colegas-de-escola-e-momento-e-filmado-em-paracuru-na-grande-fortaleza.ghtml>. Acesso em: 20 mai. 2023.

G1/TV GLOBO. Escola de Natal é condenada a pagar indenização de R\$ 10 mil a aluno que foi vítima de *bullying*. **Rede Globo**, Rio Grande do Norte, 17 jul. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/2019/07/17/escola-de-natal-e-condenada-a-pagar-indenizacao-de-r-10-mil-a-aluno-vitimado-de-bullying.ghtml>. Acesso em: 22 nov. 2023.

G1/TV GLOBO. Estudante de um Colégio particular em Salvador foi agredido por seu colega. **Rede Globo**, Bahia, 07 jun. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2022/06/07/estudante-e-agredido-por-outro-dentro-de-escola-particular-em-salvador.ghtml>. Acesso em: 22 nov. 2023.

G1/TV GLOBO. Uma professora morre e três ficam feridas em ataque a escola estadual em SP: aluno também se feriu. **Rede Globo**, São Paulo, 27 mar. 2023a. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/03/27/professores-e-alunos-sao-esfaqueados-dentro-de-escola-estadual-na-zona-sul-de-sp-diz-pm.ghtml>. Acesso em: 22 nov. 2023.

G1/TV GLOBO. Estudante de escola pública de PE sofre *bullying* por ter problemas mentais. **Rede Globo**, Pernambuco, 02 abr. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/caruararegiao/noticia/estudantes-que-sofrem-bullying-em-escola-publica-de-pe-reporter-problemas-mentais-veja-video.ghtml>. Acesso em: 22 nov. 2023.

GAÚCHA ZH. O que se sabe e o que falta esclarecer sobre o ataque a creche que deixou quatro crianças mortas em Blumenau. **Clic RBS**, Porto Alegre, 05 abr. 2023. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/seguranca/noticia/2023/04/o-que-se-sabe-e-o-que-falta-esclarecer-sobre-o-ataque-a-creche-que-deixou-quatro-criancas-mortas-em-blumenau-clg3zhngn003z014gd0b3jbgn.html#:~:text=Autoridades%20lame%20ataque%20em%20creche%20de%20Blumenau&text=Segundo%20a%20pol%C3%ADcia%20ele%20tinha,atingidas%20na%20regi%C3%A3o%20da%20cabe%C3%A7a>. Acesso em: 20 abr. 2023.

GOMES, Luiz Flávio; SANZOVO, Natália Macedo. **Bullying e prevenção da violência nas escolas**: quebrando mitos, construindo verdades. São Paulo: Saraiva, 2013. (Coleção saberes monográficos).

GRECCO, Leyze. **Prevenção e combate ao bullying no contexto escolar com ações de protagonismo juvenil**. 2020. 98 f. Dissertação. (Mestrado em Ensino). Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso, Cuiabá, 2020. Disponível em: https://sucupira.CAPES.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=10216957. Acesso em: 08 out. 2023.

HABER, Joel. **Seu filho X bullying**: ajude seu filho a combater provocações, insultos e agressões para sempre. Tradução Renata Marcondes. Barueri, SP: Novo Século, 2012.

KIM, Debora I. J. **Bullying escolar**. 2013. 32 f. Trabalho de Conclusão do Curso (Licenciatura de Pedagogia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/bitstream/handle/28424/1/DEBORA%20IN%20JUNG%20KIM%20-%20TCC.pdf>. Acesso em: 14 jan. 2024.

LAMAS, Karen Cristina Alves; FREITAS Eduarda Rezende; BARBOSA, Altemir José Gonçalves. *Bullying* e relação professor-aluno: Percepções de Estudantes do Ensino Fundamental. **Psico**, Porto Alegre, v. 44, n. 2, p. 263-272, abr./jun. 2013. Disponível em: <file:///C:/Users/profe/Downloads/admin,+Psi+v44n2++12+-+final+on+1.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2024.

LIMA, Rosemary Magalhães. **Bullying na escola**: a cartilha como recurso educativo de conscientização e combate ao fenômeno. 2021. 118f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano, Catu, 2021. Disponível em: <https://eduCAPES.CAPES.gov.br/bitstream/CAPES/642245/2/Disserta%C3%A7ao%20com%20ficha%20catalografica%20%20Rosemary%20Lima%2028.09.2021.pdf>. Acesso em: 19 mai. 2024.

LISBOA, Carolina; BRAGA, Luiza de Lima; EBER, Guilherme. O fenômeno *bullying* ou vitimização entre pares na atualidade: definições, formas de manifestação e possibilidades de intervenção. **Contextos Clínicos**, [S.l.], p. 59-71, jan./jun. 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822009000100007. Acesso em: 28 jan.2024.

LOPES NETO, Aramis Antônio. *Bullying* – comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de Pediatria**, Rio de Janeiro, v. 81, n. 5(supl.), p. S164-S172, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jped/a/gvDCjhggsGZCjttLZBZYtVq/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 28 jan. 2023.

LOPES NETO, Aramis Antônio. **Bullying**: saber identificar e como prevenir. São Paulo: Brasiliense, 2011.

LOPES NETO, Aramis Antônio; SAAVEDRA, Lúcia H. **Diga não para o bullying**: Programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes. Rio de Janeiro: ABRÁPIA, 2004.

MACIEL, Miriam de Oliveira. **Alunos com altas habilidades/superdotação e o fenômeno bullying**. 2012. 188f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/7015/MACIEL%2C%20MIRIAM%20DE%20OLIVEIRA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 16 jan. 2024

MALTA, Deborah Carvalho; SILVA, Marta Angélica Iossi; MELLO, Flávia Carvalho Malta de; MONTEIRO, Rosane Aparecida; SARDINHA, Luciana Monteiro Vasconcelos; Luciana; CRESPO, Claudio; CARVALHO, Mércia Gomes Oliveira de; SILVA, Marta Maria Alves da; PORTO, Denise Lopes. *Bullying* nas escolas brasileiras: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), 2009. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 3065-3076, 2010. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/630/63019111008.pdf>. Acesso em: 28 jan. 2024

MARTINS, Ana Carolina Hyer de Faria da Silva. **Nem sempre o adulto resolve...: o serviço de orientação educacional e as práticas de bullying no primeiro segmento do ensino fundamental**. 2016. 168 f. Dissertação (Mestrado Profissional de Ensino em Educação Básica – CAP UERJ) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: https://sucupira.CAPES.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=4688545. Acesso em: 30 set. 2023.

MATOS, Margarida Gaspar de; GONÇALVES, Sónia M. Pedroso. *Bullying* nas escolas: comportamentos e percepções. **Rev. Psicologia, Saúde & Doenças**, Lisboa, v. 10, n. 1, p. 3-15, 2009. Disponível em: <https://scielo.pt/pdf/psd/v10n1/v10n1a01.pdf>. Acesso em: 27 mar. 2024.

MEDEIROS, Alexandre Vinícius Malmann. **O fenômeno bullying** [manuscrito]: (in)definições do termo e suas possibilidades. 2012. 113f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tesdeserver/api/core/bitstreams/532dae11-2246-4c8c-af65-84a16efe83bf/content>. Acesso em: 14 jan. 2024.

MELHOR ESCOLA. **Colégio Estadual Antônio Carlos Magalhães**. 2023. Disponível em: <https://www.melhorescola.com.br/escola/eecolegio-estadual-antonio-carlos-magalhaes-10>. Acesso em: 20 jun. 2023.

MELLO, Flávia Carvalho Malta; SILVA, Jorge Luiz da; OLIVEIRA, Wanderlei Abadio de; PRADO, Rogério Ruscitto do; MALTA, Deborah Carvalho; SILVA, Marta Angélica Iossi. A prática de *bullying* entre escolares brasileiros e fatores associados - Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2015. **Ciência e Saúde Coletiva**, [S.l.], v. 22, n. 9, p. 2939-2948, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/wGrZLBS6mzZBNRYt9RvRDqj/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 16 fev 2024.

MIDDELTON-MOZ, Jane; ZAWADSKI, Mary Lee. **Bullying**: estratégias de sobrevivência para crianças e adultos. Porto Alegre: Artmed, 2007.

MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DA PARAÍBA. João Pessoa é a capital do Nordeste com mais vítimas de bullying. **JusBrasil**, 2010. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/noticias/joao-pessoa-e-a-capital-do-nordeste-com-mais-vitimas-de-bullying/2260097>. Acesso em: 20 mar. 2024.

MIRANDA, Marcelo Henrique Goncalves; LIMA, Larissa Suellen Gomes Andrade. A prática pedagógica dos direitos humanos: marcadores sociais da diferença e o combate ao *bullying*. **Momento: diálogos em educação**, Pelotas, v. 28, n. 1, p. 328-348, jan./abr. 2019. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/momento/article/view/7847/5797>. Acesso em: 19 jan. 2024.

MONTEIRO, Michele Popenga Geraim. O *bullying* segundo a percepção de estudantes do quinto ano do ensino fundamental. 2017. 149f. Dissertação (Mestrado em Teoria e Prática de Ensino) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017. Disponível em: https://sucupira.CAPES.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=5073354. Acesso em: 16 dez. 2022.

MOURA, Danilo Rolim de; CRUZ, Ana Catarina Nova; QUEVEDO, Luciana de Ávila. Prevalência e características de escolares vítimas de *bullying*. **Jornal de Pediatria**, Rio de Janeiro, v. 87, n. 1, fev. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jped/a/w76ybRKXK7TZw7GQ3vrwzxy/#>. Acesso em: 30 jan. 2024.

NASCIMENTO, Thatiany. Ataque em Sobral: o que é preciso e possível fazer para evitar casos de violência nas escolas? **Diário do Nordeste**, 06 out. 2022. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/ceara/o-que-e-preciso-e-possivel-fazer-para-evitar-casos-de-violencia-como-o-ataque-na-escola-de-sobral-1.3286228>. Acesso em: 20 mai. 2024.

NOVA, Igor Souza; SENA, Cláudia Luísa; OLIVEIRA, Irismar Reis de. Ocorrência do *bullying* entre alunos de uma escola pública do município de Salvador, Brasil. **Rev. Ciênc. Méd. Biol.**, Salvador, v. 14, n. 3, p. 338-342, set./dez. 2015. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/23254/1/12_v.14_3.pdf. Acesso em: 13 jan. 2023.

OKUMURA, Renata; LO RE, Ítalo; ROSA, Guilherme. Ataque a escola em Cambé, no Paraná: ex-aluno mata dois estudantes a tiros. **Estadão**, São Paulo, 20 jun. 2023. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/brasil/ataque-a-escola-no-parana-jovem-mata-aluna-a-tiros-nrpm/>. Acesso em: 01 jul. 2023.

OLIBONI, Samara Pereira; LUNARDI, Valéria Lerch; LUNARDI, Guilherme Lerch; PEREIRA, Beatriz Oliveira; OLIVEIRA, Wanderlei Abadio. Prevalência do *bullying* entre alunos do ensino fundamental. **Aletheia**, Canoas, v. 52, n. 1, jan./jun. 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141303942019000100002. Acesso em: 30 jan. 2024.

OLIVEIRA, Paloma Breckenfeld Alexandre de. **Bullying e a solução de problemas morais-práticos pelo agir comunicativo no mundo da vida escolar**. 2021. 129f. Dissertação (Mestrado em Ensino) - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Pau dos Ferros, 2021. Disponível em: <https://sucupira.CAPES.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&idtrabalho=11514699>. Acesso em: 19 dez. 2022.

OLIVEIRA, Wanderlei; SILVA, Jorge Luiz; BRAGA, Iara Falleiros; ROMULADO, Claudio; BRANDÃO NETO, Waldemar; CARAVITA, Simona Carla Silvia; SILVA, Marta Angélica Iossi. Percepções de estudantes sobre *bullying* e família: um enfoque qualitativo na saúde do escolar. **Cad. Saúde Colet.**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, p. 158-165, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cadsc/a/dQLTbyg8VQ4PGDF5dHrThTg/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 09 abr. 2023.

OLWEUS, Dan. Bully/victim problems in school: facts and intervention. **European Journal of Psychology of Education**, [S.l.], v. 12, n. 4, p. 495-510, 1997.

OLWEUS, Dan. **Bullying at school**: what we know and what we can do. Malden, MA: Blackwell Publishers, 1993.

PEREIRA, Sônia Maria de Souza. **Bullying e suas implicações no ambiente escolar**. São Paulo: Paulus, 2009.

PIRES, Mariana Rocha. **Bullying e educação**: uma análise da produção científica disponível no banco de teses e dissertações da CAPES (2014-2016). 2018. 102 f. Dissertação (Mestrado Profissional de Ensino em Educação Básica) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: https://sucupira.CAPES.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=6320873. Acesso em: 30 set. 2023.

PLAN BRASIL. Bullying Escolar no Brasil – **Relatório de Pesquisa Final**. São Paulo: CEATS/FIA. 2010. Disponível em: <https://www.conhecer.org.br/download/agente1/LEITURA%20ANEXA%201.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2023.

RANGINI, Rosemeire de Araújo; COSTA, Maria da Piedade Resende da. Altas habilidades/superdotação e deficiência: reflexões sobre o duplo estigma. **Educ. Rev.**, [S.l.], n. 53, 2014.

REIS, Katarina Pereira dos. **Bullying**: a percepção dos praticantes. 2017. 144f. Dissertação (Mestrado em Ensino em Educação Básica) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <https://sucupira.CAPES.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&idtrabalho=5838946>. Acesso em: 17 dez. 2022.

REIS, Katarina Pereira; VIANNA, José Antonio; FERREIRA, Telma Antunes Dantas; LOVISOLO, Hugo Rodolfo. A percepção dos praticantes de *bullying* na escola. **Educação**, Santa Maria, v. 45, 2020. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/1171/117162553079/117162553079.pdf>. Acesso em: 21 jan. 2024.

RISTUM, Marilena. *Bullying* escolar. In: ASSIS, Simone Gonçalves; CONSTANTINO, Patrícia; and AVANCI, Joviana Quintes (orgs.). **Impactos da violência na escola: um diálogo com professores**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação/Fiocruz, 2010. p. 95-119. Disponível em: <https://backoffice.books.scielo.org/id/szv5t/pdf/assis-9788575413302-06.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2024.

ROMAN, Marcelo Domingues; VASTERS, Gabriela Pereira; LIMA, Valéria Sperduti; GAMEZ, Luciano. (Orgs). **Bullying, violência, preconceito e discriminação na escola**. São Paulo: UAB/UNIFESP, 2022. Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/server/api/core/bitstreams/c98d0d90-d958-4076-8531-a0158f8f3273/content>. Acesso em: 15 mar. 2024.

ROSÁRIO, Bruna Pinheiro dos Santos Lopes do. **Protagonismo jovem: criação e gestão de conteúdo do aplicativo “viva feliz: bullying não!** 2021. 117f. Dissertação (Mestrado em Ensino) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso, Cuiabá, 2021. Disponível em: https://sucupira.CAPES.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=11284165. Acesso em: 17 dez. 2022.

ROSSATO, Geovânio; ROSSATO, Solange Marques. **Educando para a superação do bullying escolar**. São Paulo: Loyola, 2013.

SALMIVALLI, Christina. Participant role approach to school bullying: implications for Interventions. **Journal of Adolescence**, v. 22, p. 453-459, 1999. https://techniumscience.com/index.php/socialsciences/?gad_source=1&gclid=CjwKC Disponível em: [AjjwjqWzBhAqEiwAQmtgT_VfwxU3oUfDK0Vmx4XoNIVQ2PpGYAMyqp7f0SOkvak0Mp20DUJVRBoCjqsQAvD_BwE](https://sucupira.CAPES.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=11284165). Acesso em: 23 mai. 2023.

SANTOS, Carla Christina Rodrigues. **Bullying no contexto escolar: uma análise diagnóstica nas redes estaduais e municipais de Mato Grosso**. 2021. 131f. Dissertação (Mestrado em Ensino) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso, Cuiabá, 2021. Disponível em: https://sucupira.CAPES.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=11284263. Acesso em: 20 dez. 2022.

SANTOS, Mariana Michelena; KIENEN, Nádia. Características do *bullying* na percepção de alunos e professores de uma escola de ensino fundamental. **Pepsic - Periódicos Eletrônicos em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 22, n. 1, abr. 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2014000100013. Acesso em: 03 dez. 2023.

SILVA, Alex Almeida. **As interfaces entre a superdotação e o bullying no contexto escolar**. 2018. 96f. Dissertação (Mestrado Ensino e Processos Formativos) - Universidade Paulista Júlio de Mesquita Filho, São José do Rio Preto, 2018. Disponível em: https://sucupira.CAPES.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=6407087. Acesso em: 18 dez. 2022.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying**: mentes perigosas nas escolas. 2. ed. São Paulo: Globo, 2015.

SILVA, Cíntia Santana; COSTA, Bruno Lazzarotti Diniz. Opressão nas escolas: o *bullying* entre estudantes do ensino básico. Artigo. **Cad. Pesqui.**, São Paulo, v. 46, n. 161, p. 638-663, Jul-Sept. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/pDq4TKDmphpmjSGvvgvhgDnt/#>. Acesso em: 29 jan. 2024.

SILVA, Cristiane Gonçalves; ANDRADE, Camila Neto Fernandes. Discriminação, preconceito e marcadores sociais da diferença: marcos conceituais. *In*: ROMAN, Marcelo Domingues. VASTERS, Gabriela Pereira, LIMA, Valéria Sperduti. GAMEZ, Luciano. (Orgs). **Bullying, violência, preconceito e discriminação na escola**. São Paulo: UAB/UNIFESP, 2022. Disponível em: https://repositorio.unifesp.br/bitstream/handle/11600/65207/Ebook_Bullying_.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 19 fev. 2024.

SILVA, Dezir Garcia. **Violência e estigma: bullying** na escola. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. 2006. 136f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2006. Disponível em: <http://biblioteca.asav.org.br/vinculos/tede/violencia%20e%20estigma.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2024.

SILVA, Gilson Pequeno da. **Corporeidade, sexualidade e bullying no ensino de ciências naturais**. 2020. 104 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Ensino) Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso, Cuiabá, 2020. Disponível em: https://sucupira.CAPES.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=9775028. Acesso em: 01 out. 2023.

SILVA, Heloene Cristina Cavalcanti; ARAÚJO, Jônison Meira. *Bullying* no ambiente escolar: uma interpretação dos sentimentos e reações das vítimas. **Instituto Saber de Ciências Integradas**, [S.l.], 2016. Disponível em: <https://www.isciweb.com.br/revista/236-bullyingnoambienteescolarumainterpretacaodos-sentimentos-e-reacoes-das-vitimas>. Acesso em 03 fev 2024.

SILVA, Vanessa Costa Gonçalves. **Violência escolar, bullying e violação de direitos humanos no cotidiano escolar**. 2019. 112f. Dissertação (Mestrado em Ensino) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso, Cuiabá, 2019. Disponível em: https://sucupira.CAPES.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=8397538. Acesso em: 30 set. 2023.

SOUZA, Christiane Pantoja; ALMEIDA, Léo César Parente. *Bullying* em ambiente escolar. **Enciclopédia Biosfera**, Goiânia, v. 7, n. 12, 2011. Disponível em: <https://www.conhecer.org.br/enciclop/conbras1/bullying.pdf>. Acesso em: 28 jan. 2024.

SOUZA, Regina Garcia Toledo. **Bullying no contexto no escolar**: intimidações entre pares. 2010. 124f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/15963/1/Regina%20Garcia%20Toledo%20de%20Souza.pdf>. Acesso em: 27 jan. 2024.

SOUZA, Welton Rodrigues; MOREIRA, Adailson Silva. O *bullying* e suas consequências na cultura escolar. **Pesq. Prát. Educ.**, [S.l.], v. 1, p. 1-20, 2020. Disponível em: <file:///C:/Users/pfofn/Downloads/55-Texto%20do%20artigo-516-1-10-20201126.pdf>. Acesso em: 27 jan 2024.

SPOSITO, Marília Pontes. Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil. Artigo. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 87-103, jan./jun. 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/pbFRcymkHxFPkK7VkkMwXNQ/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 28 jan. 2024.

TEIXEIRA, Carolinne Rodrigues da Silva. **Reconhecer, prevenir e combater o bullying no ensino fundamental**: proposta de um projeto de intervenção. 2018. 124f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências) - Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2018. Disponível em: https://sucupira.CAPES.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=7047589. Acesso em: 18 dez. 2022.

TEIXEIRA, Gustavo. **Manual antibullying**: para alunos, pais e professores. 1. ed. Rio de Janeiro: Saraiva, 2013.

TOGNETTA, Luciene Regina Paulino. Violência na escola: os sinais de *bullying* e o olhar necessário aos sentimentos. In: PONTES, Aldo; LIMA, Valéria S. **Construindo saberes em educação**. Porto Alegre: Zouk, 2005. Disponível em: <https://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/Educacao/Doutrina/Bullying%20e%20o%20olhar%20necess%C3%A1rio%20aos%20sentimentos.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2023.

TOGNETTA, Luciene Regina Paulino; VINHA, Telma Pileggi. Até quando? *Bullying* na escola que prega a inclusão social. **Revista do Centro de Educação**, Santa Maria, v. 35, n. 3, p. 449-463, 2010. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1171/117116968007.pdf>. Acesso em: 28 jan. 2024.

UNESCO. **Violência escolar e bullying**: relatório sobre a situação mundial. Brasília: 2019. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000368092>. Acesso em: 12 nov. 2023.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA – UEFS. **A Universidade**. Feira de Santana, BA: UEFS, 2023. Disponível em: <https://www.uefs.br/>. Acesso em: 20 mar. 2023.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA – UEFS. **Programa de Aperfeiçoamento das Línguas e Literaturas Estrangeiras**. Feira de Santana, BA: UEFS, 2022. Disponível em: <http://www.palle.uefs.br/>. Acesso em: 20 mar. 2023.

VIANNA, Édina Moura. **Das microviolências ao bullying**: reflexões sobre a violência no ambiente escolar. 2018. 187f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: https://sucupira.CAPES.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viawTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=7725900. Acesso em: 20 dez. 2022.

ZEQUINÃO, Marcela Almeida; MEDEIROS, Pâmella; PEREIRA, Beatriz; CARDOSO, Fernando Luiz. *Bullying* escolar: um fenômeno multifacetado. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 42, n. 1, p. 181-198, jan./mar. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/tfsmDFp9d73b75mLTPvVDR/?format=pdf>. Acesso em: 26 jan. 2024.



UNIVATES

R. Avelino Tallini, 171 | Bairro Universitário | Lajeado | RS | Brasil
CEP 95900.000 | Cx. Postal 155 | Fone: (51) 3714.7000
www.univates.br | 0800 7 07 08 09